

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM TEOLOGIA

SÉRGIO MOREIRA DE OLIVEIRA JÚNIOR

**AS CURAS DE JESUS E A MEDICINA:
CONTRIBUIÇÕES À TEOLOGIA DA CURA DIVINA**

São Leopoldo

2021

SÉRGIO MOREIRA DE OLIVEIRA JÚNIOR

**AS CURAS DE JESUS E A MEDICINA:
CONTRIBUIÇÕES À TEOLOGIA DA CURA DIVINA**

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Mestrado Profissional em Teologia
Área de Concentração: Religião e
Educação
Linha de Atuação: Leitura e Ensino da
Bíblia

Pessoa Orientadora: Verner Hoefelmann

São Leopoldo

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

O48c Oliveira Júnior, Sérgio Moreira de
As curas de Jesus e a medicina : contribuições à
teologia da cura divina / Sérgio Moreira de Oliveira Júnior,
orientador Verner Hoefelmann. – São Leopoldo : EST/PPG,
2021.
88 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa
de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo,
2021.

1. Jesus Cristo - Milagres. 2. Cura pela fé. 3. Filosofia e
religião. 4. Curas. I. Hoefelmann, Verner , orientador. II.
Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

SÉRGIO MOREIRA DE OLIVEIRA JÚNIOR

**AS CURAS DE JESUS E A MEDICINA: CONTRIBUIÇÕES À TEOLOGIA DA
CURA DIVINA**

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Religião e
Educação
Linha de Atuação: Leitura e Ensino da
Bíblia

Data de Aprovação: 02 de julho de 2021.

Prof. Me. Verner Hoefelmann (Presidente)
Participação por webconferência

Prof. Dr. Flávio Schmitt (EST)
Participação por webconferência

Prof. Dr. Werner Wiese (FLT)
Participação por webconferência

RESUMO

A crença e o uso da crença em milagres, especialmente das curas miraculosas, é parte integrante dos evangelhos e está no centro da teologia e prática cristã. Apresentamos neste trabalho a conceituação de milagre, seu papel na obra messiânica de Jesus, e o enfrentamento filosófico-científico a respeito da sua possibilidade e credibilidade. As abordagens teológicas que historicamente se propuseram a responder ao ceticismo positivista, como o Deísmo, a Teologia Liberal e a Neo-ortodoxia, são exibidas e contrapontuadas com a ortodoxia do Método Histórico-Gramatical, defendido como racionalmente possível. Esclarecida a harmonia entre a razão e a fé, enfrentamos a questão da Teologia da Cura Divina e percebemos a fundamentação no sacrifício expiatório de Cristo como uma interpretação exegética possível, mas não exclusiva para fundamentar a fé nas curas sobrenaturais. Reconhecemos que a disputa teológica entre continuístas e cessacionistas não afeta a crença na atualidade dos milagres de cura, uma vez que a celeuma se dá a respeito da manutenção dos dons espirituais, não do milagre em si. Para delimitar um perfil do referencial bíblico do modelo de cura cristão, foram analisadas as curas de doenças orgânicas realizadas por Jesus e descritas nos Evangelhos canônicos, excluídas as curas em que se faz menção, direta ou indireta, a exorcismos ou de demonismo como causa das doenças. Evidenciamos que são marcas dos milagres de Jesus: a compaixão daquele que cura por aquele que sofre; a cura ocorrer de forma completa e integral; a cura não ocorrer gradualmente, a não ser que a divisão em etapas tenha alguma outra clara função educativa; a iniciativa da busca pela graça da cura pode partir tanto do doente, quanto de terceiros ou da própria vontade soberana de Deus; a falta de fé ou de arrependimento do doente não é um fator excludente da cura; não há apelo a objetos mágicos ou rituais místicos que detenham, eles mesmos, o poder miraculoso; o combate à propaganda de curas miraculosas é constante, visando uma fé voltada ao ensino que muda a vida dos seguidores e contra o utilitarismo prático da religião para o sujeito. A venda de milagres sob medida e com hora marcada de movimentos neopentecostais contemporâneos não guardam nenhuma correspondência com o padrão das Escrituras.

Palavras-chave: Milagre. Teologia Liberal. Teologia da Cura Divina. Curas de Jesus.

ABSTRACT

The belief and use of belief in miracles, especially miraculous healings, is an integral part of the gospels and is at the heart of Christian theology and practice. In this work, we present the concept of miracle, its role in the messianic work of Jesus, and the philosophical-scientific confrontation regarding its possibility and credibility. Theological approaches that historically set out to respond to positivist skepticism, such as Deism, Liberal Theology and Neo-orthodoxy, are exhibited and counterpointed with the orthodoxy of the Historical-Grammatical Method, defended as rationally possible. Having clarified the harmony between reason and faith, we face the question of the Theology of Divine Healing and we perceive the foundation in the atoning sacrifice of Christ as a possible exegetical interpretation, but not exclusive to base faith on supernatural cures. We recognize that the theological dispute between the continuists and cessationists does not affect the belief in the actuality of healing miracles, since the discussion is about the maintenance of spiritual gifts, not the miracle itself. To outline a profile of the biblical framework of the Christian healing model, the cures for organic diseases performed by Jesus and described in the canonical Gospels were analyzed, excluding those cures in which exorcisms or demonism were mentioned, directly or indirectly, as the cause of illnesses. We show that the marks of Jesus' miracles are: the compassion of the one who heals for the one who suffers; the cure to take place completely and integrally; healing does not occur gradually, unless the division into stages has some other clear educational function; the initiative in the search for the grace of healing can come from the sick, as well as from others or from the sovereign will of God; the sick person's lack of faith or repentance is not a factor that excludes healing; there is no appeal to magical objects or mystical rituals which themselves hold the miraculous power; the fight against the propaganda of miraculous cures is constant, aiming at a faith focused on teaching that changes the lives of followers and against the practical utilitarianism of religion for the subject. The sale of custom-made and scheduled miracles of contemporary neo-Pentecostal movements do not bear any correspondence with the pattern of Scripture.

Keywords: Miracle. Liberal Theology. Theology of Divine Healing. Jesus' healings.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 RAZÃO, FÉ E A VERDADE	13
2.1 A RAZÃO, A DÚVIDA E A EXPERIÊNCIA: NATURALISMO, CÉTICISMO, RACIONALISMO, EMPIRISMO E POSITIVISMO	15
2.1.1 O possível e o crível.....	18
2.1.2 O problema da indução e a negação a priori do supranatural.....	19
2.2 PATRÍSTICA, ESCOLÁSTICA, DEÍSMO, LIBERALISMO TEOLÓGICO, NEO-ORTODOXIA: A RESPOSTA DO PENSAMENTO CRISTÃO.....	21
2.3 O MÉTODO HISTÓRICO-CRÍTICO: INSTRUMENTALIZANDO O NOVO PENSAMENTO CRISTÃO	24
2.4 O MILAGRE	25
2.4.1 A letra sagrada: Método Histórico Gramatical	27
2.4.2 Os Milagres são possíveis? Os Milagres são críveis?	28
3 UM MESSIAS TAUMATURGO	31
3.1 RELEVÂNCIA DO MILAGRE PARA O MESSIANISMO DE JESUS	31
3.2 RELEVÂNCIA DO MILAGRE PARA O CRISTIANISMO	33
3.3 TEOLOGIA DA CURA DIVINA	35
3.4 CESSACIONISMO X CONTINUISMO.....	37
4 OS MILAGRES: CURA DE DOENÇAS ORGÂNICAS POR JESUS .	41
4.1 LEPROSOS.....	42
4.1.1 Leproso tocado - Mt 8.1-4; Mc 1.40-45; Lc 5.12-16.....	45
4.1.2 Os dez leprosos - Lc 17.11-19	48
4.2 CEGOS	51
4.2.1 Os dois cegos na Galileia - Mt 9.27-31	51
4.2.2 O cego de Betsaida - Mc 8.22-26	54
4.2.3 O cego de nascença - João 9.1-12	57
4.2.4 O cego de Jericó - Mt 20.29-34; Mc 10.46-52 e Lc 18.35-43	59
4.3 PARALÍTICOS	62
4.3.1 Paralítico em Cafarnaum - Mt 9.1-8; Mc 2.1-12 e Lc 5.17-26	62
4.3.2 Paralítico em Betesda - Jo 5.1-9.....	64
4.3.3 O servo do centurião - Mt 8.5-13 e Lc 7.1-10	66
4.4 OUTRAS CURAS.....	67
4.4.1 A mulher com fluxo de sangue - Mt 9.20-22; Mc 5.24-34 e Lc 8.43-48	68
4.4.2 O homem da mão ressequida - Mt 12.9-13; Mc 3.1-6; Lc 6.6-11	71
4.4.3 O surdo mudo em Decápolis - Mc 7.31-37	74
4.4.4 O hidrópico - Lc 14.1-6.....	76

5 CONCLUSÃO	79
REFERÊNCIAS	83

1 INTRODUÇÃO

O ser humano é complexo e uma mistura de diversas facetas. Ele não se restringe aos limites físicos da pele, mas transcende para além de um recipiente orgânico de ossos, músculos, vísceras e neurônios por meio da abstração mental, convertendo-se em ideias, pensamentos e sentimentos. A fé é modalidade de abstração. Revelada ou conjecturada, ela elabora significado para a vida, sentido para uma existência. De outro modo, seria fugaz e irrelevante. Por meio da fé acessamos o infinito, o eterno, relativizamos o limite existencial da morte e suportamos o sofrimento.

As religiões organizam as crenças da fé em sistemas de sentido, promovem interpretações da realidade e determinam funções ao sujeito, constroem balizas normativas a direcionar o agir com vistas a um juízo vindouro que tampona com justiça sobrenatural a inerente injustiça de um mundo físico aleatoriamente determinado.

As diversas religiões carecem de provas que façam a defesa da veracidade de cada sistema. Pela inerente matriz sobrenatural, faz-se mister testemunhos sobrenaturais de validação e, nesse campo, apresentam-se os milagres, hierofanias comunicadoras entre o sagrado e o mundano.¹

Diversas são as possíveis apresentações miraculosas que se apresentam nas narrativas de textos sagrados. O fato é que elas devem representar uma ponte de ligação entre aquilo que excede a natureza e a própria natureza. Parte da abstração cognitiva que nos libertou das celas alienantes da inconsciência nos permitiu também reconhecer padrões, criar expectativas hipotéticas, vislumbrar leis fundadas na causalidade. A razão desenvolveu uma ciência maciçamente útil, difundida em quase todos os aspectos da vida moderna.

Para uma realidade mensurável, experimentável, diuturnamente revalidada pela experiência vivida, o milagre, exceção à norma costumeira que é, vem sofrendo uma crise de crédito crescente, conseqüentemente afetando a religião. As religiões

¹ MARTINS, Antônio Carlos Borges. Sobre a Origem da Religião. **Revista Eletrônica Fundação Educacional São José**, Santos Dumont, v. 1, n. 2, não paginado, mar. 2016. Semestral. Disponível em: <https://www.fsd.edu.br/wp-content/uploads/2019/12/artigo18.pdf>. Acesso em: 10 maio 2021.

cristãos não fogem à regra, têm seus textos sagrados fartamente ilustrados pelos mais distintos eventos milagrosos. Suas histórias foram inauguradas e pavimentadas por milagres.

Contemporaneamente, a despeito do descrédito científico à apologia dos eventos sobrenaturais, diversos movimentos cristãos ignoraram a celeuma e deram centralidade teológica ao milagre, doutrinalmente e nas práxis de suas denominações. A teologia da cura divina foca em milagres voltados à saúde de fiéis, em ocorrência frequente e, muitas vezes, programável. A cura divina é amplamente propagada e alimenta o crescimento numérico das denominações a ela afeitas.² Sucessivos escândalos envolvendo pretensas curas miraculosas posteriormente descobertas como falsas agravam o cenário de descrédito religioso e promovem a desonra pública da fé cristã.³

O assunto em que se debruça este trabalho é a harmonização entre uma razão humana possível e a fé em milagres, além da elaboração de um perfil referencial de cura útil aos fiéis e ao estudioso dos movimentos que fazem uso da Teologia da Cura Divina. Primeiramente, no capítulo 2, revisamos a construção filosófica da teoria do conhecimento científico, delimitando o conceito de milagre e sua percepção para a fé e razão; em seguida, no capítulo 3, levantamos a relevância e atualidade dos milagres de cura; no capítulo 4, seguimos para a análise dos relatos de curas de doenças orgânicas presentes nos evangelhos canônicos e, na conclusão, sintetizamos um perfil encontrado.

² MARIANO, Ricardo. Crescimento Pentecostal no Brasil: fatores internos. **Rever**, São Paulo, v. 4, n. 8, dez. 2008. Trimestral. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/t_mariano.pdf. Acesso em: 01 maio 2021.

³ GENTILE, Rogério. Universal é condenada a indenizar homem que diz ter atuado em falsa cura. **Uol**, 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/rogerio-gentile/2021/05/11/universal-e-condenada-a-indenizar-homem-que-diz-participado-de-falsa-cura.htm>. Acesso em: 12 maio 2021. FUNERÁRIAS processam pastor acusado de simular ressurreição. **BBC**, 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-47380338>. Acesso em: 12 maio 2021. PASTOR usa aparelho de mágica para fingir milagres. **G1**, 2007. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/PlanetaBizarro/0,,MUL84261-6091,00-PASTOR+USA+APARELHO+DE+MAGICA+PARA+FINGIR+MILAGRES.html>. Acesso em: 12 maio 2021. IGREJA que promete 'imunização' contra coronavírus pode ser enquadrada por charlatanismo, diz MP. **BBC**, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51708763>. Acesso em: 12 maio 2021. DEODORO, Juliana. Jesus salva e parcela no cartão: quando a cura é um bom negócio. **Globo.com**, 2016. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2016/11/jesus-salva-e-parcela-no-cartao-quando-cura-e-um-bom-negocio.html>. Acesso em: 12 maio 2021.

2 RAZÃO, FÉ E A VERDADE

A pessoa cristã de hoje, no que tange à ocorrência da cura divina, vê-se frente a um espectro interpretativo religioso que se estende do ceticismo liberal até a habitualidade neopentecostal.

Em um estudo a respeito destes milagres, cientes da sua importância para o cristianismo e da celeuma entre os mesmos e a ciência moderna, é importante averiguar se filosoficamente são possíveis, pois, se não o forem, a razão deve conduzir-nos para longe da crença neles. Assim, abordamos a história, biologia e filosofia presentes na tensão fé/razão, com vistas à compreensão da verdade aceitável.

A espécie *homo sapiens* goza de um repertório cognitivo abastecido pelo que convencionamos denominar de razão. Jose Carlos de Morelli Matos apresenta, em artigo publicado na revista de filosofia da Unisinos, diversas correntes que defendem a razão como qualitativa ou quantitativamente qualificadora de humanos e demais animais.⁴ Sem definir posição na disputa entre as correntes apresentadas, podemos afirmar que não somos a única espécie apta ao aprendizado. A diferença é que a espécie humana não apenas aprende por tentativa e erro ou interioriza o método tentativa e erro, mas alcança uma elevada faculdade de abstrair criativamente, representar e chegar a conclusões conjugadas pelo raciocínio.

Apesar de a razão ter um papel tão importante individual e coletivamente, nem todas as nossas ações são orientadas exclusivamente por ela. O movimento de retirada de membro submetido a estímulo doloroso, por exemplo, é uma ação reflexa, que independe da fundamentação lógica que orientaria o cessar ao estímulo nocivo, podendo ocorrer mesmo em um sujeito descerebrado.⁵

No âmbito do pensamento racional, o ser humano pode instrumentalizá-lo com premissas de diversas origens e qualidades, tais quais a dedução, a experiência, o instinto, a emoção e a fé.

⁴ MATOS, José Carlos M. A questão da razão como critério distintivo entre homem e animal. **Filosofia Unisinos**, São Leopoldo, v. 1, n. 12, 2011. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/filosofia/article/view/1003/228>>. Acesso em: 08 abr. 2021. p. 50.

⁵ HALL, John E.; GUYTON, Arthur C. **Guyton e Hall Tratado de Fisiologia Médica**. 12. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. p. 700-701.

Apesar de não serem necessariamente antagônicas, essas fontes a desencadear o pensamento racional são constituídas de substância diferente, estando, todas elas, profundamente arraigadas à nossa espécie desde sua alvorada. O tronco de onde a nossa e outras espécies do gênero *Homo* já deveria apresentar aparato relacionado à fé, por exemplo, o trabalho de Mark Nielsen mostra que os Neandertais apresentaram sinais de comportamentos rituais de significado religioso.⁶

A dinâmica de uso destas fontes estrutura o método humano de busca pela Verdade. Fábio Júlio Fernandes ensina que para Descartes, a Razão é o instrumento do filósofo em postura cética a desvencilhar-se das certezas impostas e construí-las pelo pensamento racional.

A certeza, porém, deve ser alcançada por outra via que não a da erudição cumulativa; é justamente isso que apreende Descartes da conversação com Montaigne. Ora, se não se pode encontrar o expediente da certeza no acúmulo de erudição, a persistência de encontrá-la sugere uma investigação no próprio pensamento.⁷

Fatidicamente acreditamos em ideias que não são verdadeiras e, simultaneamente, boa parte da verdade não nos está ainda disponível, ou, mesmo quando disponível, não é admitida como digna de crença. O conhecimento humano encontra-se apenas na intersecção entre o que acreditamos e o que, ao mesmo tempo, é verdade.

Conforme o pensamento aristotélico, isso se deve ao fato de que “existem dois teoremas fundamentais: o primeiro deles é de que a verdade estaria no pensamento ou na linguagem, e não no objeto; o segundo é de que a medida da verdade estaria presente no objeto, na ação”,⁸ ou seja, há um potencial desencontro entre o pensamento, crença e a porção da realidade a que se refere, da mesma

⁶ NIELSEN, Mark *et al.* *Homo neanderthalensis* and the evolutionary origins of ritual in *Homo sapiens*. **Philosophical Transactions Of The Royal Society B Biological Sciences**. London, jun. 2020. Disponível em: <<https://royalsocietypublishing.org/doi/10.1098/rstb.2019.0424>>. Acesso em: 04 abr. 2021. p. 3.

⁷ FERNANDES, Fábio J. A verdade como problema filosófico em Descartes. **Multi-Science Journal**, Urutaí, v. 1, n. 1, mar. 2018. Disponível em: <<https://www.ifgoiano.edu.br/periodicos/index.php/multiscience/article/view/51/73>>. Acesso em: 04 abr. 2021. p. 18.

⁸ HEES, Luciane W. B. *et al.* Afinal, o que é Verdade? **Complexitas – Revista de Filosofia Temática**, Belém, v. 3, n. 2, ago. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/complexitas/article/view/6585>>. Acesso em: 04 abr. 2021. p. 34.

maneira que o todo da realidade não se dá a conhecer. Logo, apenas nesta estreita intersecção se encontra o conhecimento verdadeiro.

Por milênios, nossa espécie procura tornar conhecida uma porção cada vez maior da verdade, ao mesmo tempo em que purifica suas crenças do que refuta como falso. No ímpeto de ampliar com segurança essa intersecção, trilhamos uma longa história filosófico-científica. Essa jornada de reformulações de métodos de estabelecimento da verdade conhecida tem sido extensa e conflituosa.

2.1 A RAZÃO, A DÚVIDA E A EXPERIÊNCIA: NATURALISMO, CÉTICISMO, RACIONALISMO, EMPIRISMO E POSITIVISMO

À Escola Jônica, principiada por Tales de Mileto, atribui-se a inauguração do pensamento filosófico ocidental. Mais do que desenvolver a matemática, geometria e astronomia, aqui fica demarcada uma mudança no modelo de fundamentação da verdade.

O movimento de Mileto iniciou a substituição das causas míticas sobrenaturais para os fenômenos de origem ainda não compreensível à humanidade por uma potencial causa natural. Este esforço na busca de independência da natureza em abarcar em si mesma as causas e os efeitos fez nascer a base do que denominamos Naturalismo.⁹

Após a alvorada do Naturalismo, inicialmente de forma incipiente, surgiram pensadores que consideravam certa a inexistência de tudo que transcenda o natural. Consequentemente, deuses, espíritos e demônios seriam elucubrações impossíveis, já que, para Travis Dumsday, a realidade física é a única existente.¹⁰ Essa posição radical é denominada naturalismo metafísico, ou ontológico, e guarda profunda associação com movimentos filosóficos dos últimos dois séculos.

Ainda segundo Dumsday, existe a postura cética em relação às causas acreditadas, que paulatinamente tem reforçada a suficiência das causas naturais para

⁹ OLIVEIRA, Anselmo C.; BATISTA, João B. Cosmologia em Tales de Mileto. In: IX Semana de Filosofia, 2006, São João Del-Rei. **Atas da IX Semana de Filosofia**. São João Del-Rei: Universidade Federal de São João Del-Rei, 2006. p. 20.

¹⁰ DUMSDAY, Travis. Thought Experiments as a Toll for Undermining Methodological Naturalism. **Religions**. Edmonton, feb. 2019. Disponível em: <<https://www.mdpi.com/2077-1444/10/2/127/htm>>. Acesso em: 04 abr. 2021. p. 129.

explicar o funcionamento do universo e ampliar o alcance da verdade, sem, contudo, dogmatizar certezas em relação a um sobrenatural que não é negado, mas não lhe é atribuída “influência causal cientificamente relevante no mundo natural”.¹¹ A esse movimento, denominamos naturalismo metodológico.

Mesmo para o naturalista, o modelo de enfrentamento do mundo natural para a busca da verdade encontrou múltiplos caminhos. Podemos trilhar pelas correntes idealistas de Descartes, Hegel, Kant e Berkeley que questionam a experiência humana captada pelos nossos sentidos e sobre a qual racionalmente chegamos ao conhecimento, questionando até mesmo a existência do mundo sentido.

Enéias Forlin Júnior, ao abordar os idealismos cartesiano e kantiano, afirma:

O interesse da filosofia desloca-se da coisa para a representação da coisa, do objeto da representação para o sujeito da representação, isto é, o pensamento. Mais que isso: ela inaugura a ideia de que a coisa é para mim, antes de tudo, uma representação; que realidade é para mim, antes de qualquer coisa, a realidade de meu pensamento; que eu sou, antes de qualquer coisa, coisa pensante. O que ocorre aqui é uma cisão entre mente e mundo, os quais se constituem em duas coisas distintas — *res cogitans* e *res extensa*. Neste contexto, o mundo é, antes de tudo, uma percepção da mente.¹²

De outro extremo, podemos trabalhar com fundamento no Realismo, que estabelece que a realidade externa existe e se dá de forma independente da abstração do observador.¹³

A filosofia pré-socrática, expressamente no sofista Protágoras, pregava o ceticismo para com verdades absolutas externas ao sujeito, entendendo que a apreensão da verdade a partir dos fenômenos sensíveis é subjetiva e varia conforme o ponto de vista. Segundo Cardinal Ihejerika para Protágoras “realidade objetiva era não existente. As pessoas percebem e interpretam a realidade de maneira diferente”.¹⁴

¹¹ DUMSDAY, 2019, p. 127. “*scientifically relevant causal influence on the natural world*” (tradução nossa).

¹² FORLIN JUNIOR, Enéias. Idealismo formal x idealismo material: a refutação kantiana do idealismo cartesiano. **Discurso**, [S. l.], n. 38, 2008. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/62547>>. Acesso em: 5 abr. 2021. p. 93.

¹³ CORTEZ, Renan. Para além do realismo e do idealismo. **Cadernos Nietzsche**, São Paulo, v. 41, n. 2, ago. 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/cniet/v41n2/2316-8242-cniet-41-02-211.pdf>>. Acesso em: 04 abr. 2021. p. 213.

¹⁴ IHEJIRIKA, Cardinal. A Reconnaissance of the Philosophical Problem of Knowledge from Protagoras to Kant. **International Journal of Social Sciences & Educational Studies**, [S.L.], v. 7, n. 2, jun. 2020. Disponível em: <<https://ijsses.tiu.edu.iq/index.php/volume-7-issue-2-article-3/>>. Acesso em:

Já em Aristóteles, é possível perceber a valoração da realidade percebida e do Empirismo como método de busca pelo conhecimento, além de estabelecer limites ao relativismo de Protágoras por meio do princípio da não contradição.

E, dado que não é possível que os contrários ao mesmo tempo pertençam a uma mesma coisa (considerem-se acrescentados por nós, nesta premissa, todos os acréscimos de costume), e dado que são contrárias entre si as opiniões contraditórias, evidentemente é impossível que um mesmo homem, ao mesmo tempo, conceba que um mesmo fato é e não é.¹⁵

Pirro de Elis, pai do ceticismo, sustenta uma forma absoluta do mesmo, que impossibilita qualquer tipo de conhecimento verdadeiro sobre as coisas, posto que sempre é possível o contra-argumentar. Mesmo que se obedeça ao princípio da não contradição e que se saiba que apenas uma das assertivas contraditórias a respeito do objeto possa ser verdadeira, Pirro entende que não é possível determinar qual delas.¹⁶

Sexto Empírico, no segundo e terceiro século da era cristã, prosseguiu o pensamento pirrônico cético de relativização do conhecimento determinado e fragilização de verdades absolutas. Segundo ele, o cético não obtém descanso e paz na delimitação de verdades ou mentiras, mas no oferecimento de outras possibilidades de compreensão que suspendam um juízo de determinação dogmático.¹⁷

Com Arquimedes, o empirismo ganha relevo por sua vasta produção científica experimental. Aqui o relativismo cético deixa de ser um obstáculo intransponível para a busca de conhecimento, uma vez que a razão humana passa a dispor de uma metodologia. Ceno P. Magnaghi mostra que por meio da observação experimental e da indução, esse gênio da antiguidade estabeleceu teoremas físico-matemáticos que o fazem ser considerado o pai dessas duas áreas do conhecimento.¹⁸

04 abr. 2021. p. 32. "*objective reality was non-existent. People perceive and interpret reality in different ways*" (tradução nossa).

¹⁵ ANGIONI, Lucas. **Aristóteles, Metafísica Livros IV e VI**. Campinas: Unicamp, 2007, p. 18.

¹⁶ CUNHA, Marcus V.; COSTA-LOPES, Viviane. O ceticismo pirrônico no discurso de John Dewey. **Educação e Cultura Contemporânea**, [S.L.], v. 16, n. 42, p. 2019. Disponível em: <<http://periodicos.estacio.br/index.php/reeduc/article/view/2743/47965968>>. Acesso em: 04 abr. 2021. p. 235.

¹⁷ EMPIRICO, Sexto. Hipotiposes Pirrônicas Livro I. **O que nos faz pensar**, [S.L.], v. 9, n. 12, jun. 1997. Disponível em: <<http://www.oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/index.php/oqnp/article/view/130>>. Acesso em: 05 abr. 2021. p. 117.

¹⁸ MAGNAGHI, Ceno P.; ASSIS, ANDRE K. T. **O método de Arquimedes: análise e tradução comentada**. Montreal: Apeiron, 2019, p. 43.

Já na Idade Média, Avicena, por meio do empirismo indutivo, progride no estabelecimento de conhecimento em diversas áreas do saber,¹⁹ seguido por Francis Bacon, o fundador da ciência moderna, que, trabalhando sob o manto do empirismo, adaptou o método indutivo para impedir conclusões precoces e garantir fiabilidade às mesmas, firmando este método como o principal mecanismo de produção científica empírica moderna.²⁰

John Locke, Thomas Hobbes, Berkeley e David Hume continuaram a cristalizar a verdade científica sob o crivo da experiência, da testagem, fundada não apenas no raciocínio a priori, na intuição ou na fé. Polarizada com o Empirismo, o Racionalismo de Kant, Leibniz e Descartes, prioriza a dedução a partir do raciocínio lógico como método superior à experiência da corrente empirista. A razão leva à verdade.²¹

Como consequência da priorização da razão ou da experiência como meios de obtenção da verdade, com o intento Humanista de trazer a Humanidade para o centro da filosofia e com a negação cada vez mais acentuada da ideia do supranatural, August Comte inicia o Positivismo, sedimentando o afastamento entre Ciência, Teologia e Metafísica, considerando apenas o conhecimento científico como verdadeiro: “o conhecimento científico só seria possível quando se observasse o real, o concreto”.²²

2.1.1 O possível e o crível

Dentro do pensamento racional lógico, é possível encontrar proposições necessariamente falsas, proposições necessariamente verdadeiras e proposições

¹⁹ LACKINGTON, Benjamín A. F. Mística y filosofía en Avicena. **Anales del Seminario de História de La Filosofía**, Madrid, v. 36, n. 2, 2019. Disponível em: <<https://revistas.ucm.es/index.php/ASHF/article/view/57329/4564456551365>>. Acesso em: 04 abr. 2021. p. 342.

²⁰ MARIANO DA ROSA, Luiz C. Bacon e a indução por subtração como novo método indutivo na fundação do empirismo moderno. **Revista Filosofia Capital**, Brasília, v. 15, n. 22, 2020. Disponível em: <<https://www.filosofiacapital.org/ojs-2.1.1/index.php/filosofiacapital/article/download/425/362>>. Acesso em: 04 abr. 2021. p. 33.

²¹ ECHEVERRÍA, Rafael. **El Búho de Minerva**: introducción a la filosofía moderna. 4. ed. Santiago: Comunicaciones Noreste Ltda, 2004. p. 38.

²² CHAVES FILHO, Manoel M. F.; CHAVES, Suzana M. L. F. A ciência positivista: o mundo ordenado. **Iniciação Científica Cesumar**, Maringá, v. 2, n. 2, jul. 2007. Disponível em: <<https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/icesumar/article/view/28/274>>. Acesso em: 04 abr. 2021. p. 72.

contingentes, sendo que as duas últimas são espécies de proposições de conteúdo possível e a primeira é o modelo de proposição de conteúdo impossível.²³

O conhecimento científico positivista, por ser constituído de extrapolações gerais de informações repetidamente confirmadas por meio da experiência, é uma coletânea de conclusões obtidas por meio da indução.

Intrinsecamente a indução não produz verdades necessárias, mas sim, inferências contingentes, que não são nem necessárias, nem impossíveis, são meras possibilidades com variados graus de probabilidade, a depender do escrutínio empírico utilizado.

David Hume, a despeito de ser adepto do empirismo, entendia que a sabedoria residia na postura cética em relação às conclusões retiradas da experiência, ou seja, a experiência não cria certezas, mas sim expectativas mais ou menos prováveis a depender da força da experiência em que se sustenta. Ele afirma que “embora a experiência seja nosso único guia ao raciocinarmos sobre questões de fato, é preciso reconhecer que esse guia não é totalmente infalível, mas pode, em alguns casos, levar-nos a erro”.²⁴

Por consequência, a assertiva que contradiz o resultado da experiência não é necessariamente falsa, ou seja, não é impossível, apenas tem menor grau de probabilidade e, portanto, não é digna de credibilidade, não deve ser acreditada pelo homem sábio. As certezas da fé, quando antagonizam as verdades científicas vigentes, não são impossíveis, mas, para Hume, tampouco são críveis, pois “um homem sábio, portanto, dosa sua crença em proporção à evidência”.²⁵

2.1.2 O problema da indução e a negação *a priori* do supranatural

Não é pacificado que as conclusões obtidas por meio do método indutivo, previsões não dedutivas que são, geram conhecimento *stricto sensu*, uma vez que, para enquadrar-se como tal, devem ao mesmo tempo ser acreditada e ser verdade.

²³ CASTRO NETO, Izaías R. **Estudo acerca da distinção entre verdades necessárias e verdades contingentes em Leibniz**. 2008. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008. Disponível em: <<https://hdl.handle.net/1884/16738>>. Acesso em: 04 abr. 2021. p. 21.

²⁴ HUME, David. **Investigações sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral**. São Paulo: Unesp, 2004. p. 154.

²⁵ HUME, 2004, p. 155.

Hume apontou o problema da indução, pois as inferências dedutivas do método científico empírico carecem de fundamentação lógica a validá-las,²⁶ não produzem mais do que meras expectativas. Em análise mais profunda, “o psicologismo de Hume traz como consequência a irracionalidade da ciência. Nossas teorias científicas não são justificáveis racionalmente, apenas psicologicamente, atendendo ao costume”.²⁷

A certeza necessária à verdade não é própria ao conhecimento científico. Vemos na ciência positivista o nascimento da ideia de verdade relativa, da verdade até que se prove o contrário, da verdade até que novas informações sejam detectadas e experimentadas, a partir das quais a verdade pode mudar. A falseabilidade das verdades científicas, para Popper, pela análise de Elizabete de Assis Dias, é o motor do progresso científico.²⁸

Apesar da aparente fragilidade do conhecimento científico, os incontáveis avanços de efeito prático para o entendimento e dominação da natureza, a melhora da qualidade de vida e os ganhos na produção de riquezas, fizeram com que gozasse de demasiada credibilidade a ponto de se tornar inquestionável. Ressalte-se que a verdade pontual de cada assertiva científica pode ser constantemente questionada, mas a validade da totalidade do conhecimento científico, ou do método indutivo em que se sustenta, esse sim se dogmatizou.

Ao sedimentar a irrefutabilidade do conhecimento científico extraído da experiência humana, atribui-se falsidade a qualquer relato que o contradiga. Os eventos a que se atribui causa supranatural são desacreditados exatamente pela sua espécie de causa, e as experiências em que se sustentam são, a priori, rejeitadas.

Percebe-se que não há espaço para a acreditação do supranatural, mesmo que se sustente no mesmo sistema baseado na experiência, posto que essas experiências são desacreditadas de antemão. Para Hume, os eventos supranaturais

²⁶ MORA, José A. F. Hume, Popper y el problema epistemológico de la inducción. **Logos**, Bogotá, n. 21, 2012. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/322447445_Hume_Popper_y_el_problema_epistemologico_de_la_induccion_Hume_PoPPER_and_tHe_ePistemological_Problem_of_induction>. Acesso em: 04 abr. 2021. p. 184.

²⁷ MORA, 2012, p. 189.

²⁸ DIAS, Elizabeth de Assis. Progresso Científico e Verdade em Popper. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 38, n. 2, ago. 2015. Disponível em: <<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/5238/3689>>. Acesso em: 04 abr. 2021. p. 166.

não ocorrem porque nunca ocorreram e por isso não deveríamos acreditar nas diversas experiências em que se sustentam. Clive Staples Lewis chama atenção para o fato de que esse seja um argumento em círculo, que se sustenta nele mesmo e, portanto, não é válido.

Devemos, contudo, concordar com Hume que se existir uma "experiência uniforme" absoluta contra os milagres; se, em outras palavras, eles jamais aconteceram, então não ocorreram mesmo. Infelizmente só sabemos que a experiência contra eles é absolutamente uniforme se tivermos conhecimento de que todos os relatos a seu respeito são falsos. E só poderemos saber isto se já soubermos que os milagres nunca ocorreram. Estamos na verdade argumentando em círculos.²⁹

2.2 PATRÍSTICA, ESCOLÁSTICA, DEÍSMO, LIBERALISMO TEOLÓGICO, NEO-ORTODOXIA: A RESPOSTA DO PENSAMENTO CRISTÃO

Desde os primeiros séculos do Cristianismo ocorreu uma relação dialética dele com o pensamento secular vigente. Segundo Jaci Maraschin, transcorreu como uma armadilha apologética que tencionava arrebanhar os pagãos à fé cristã. Digerindo o discurso antagônico ao cristão, atribuiu-se uma releitura e reproduz-se uma síntese que aproxima o antagonista ao absorver.³⁰

Inicialmente, durante a Patrística, essa relação se deu com as correntes do pensamento filosófico helenista. Estoicos, céticos, epicuristas, neopitagóricos, neoplatônicos e aristotélicos, todos eles, de alguma forma, contribuíram para a estruturação do pensamento cristão vigente.³¹ Já com o neoplatonismo de Agostinho de Hipona apresentam-se as balizas racional-científicas para a determinação de interpretações literais ou metafóricas do Texto Sagrado, procedendo a frutífera confluência de Cristo e Platão.³²

Seguindo para o período da Escolástica e a organização dos centros monásticos de ensino e estudo, destacada em Tomas de Aquino, a influência do

²⁹ LEWIS, Clive S. **Milagres**. [S. L.]: Elivros, 1947. Disponível em: <<https://elivros.love/ler-online/baixar-milagres-c-s-lewis-epub-pdf-mobi-ou-ler-online>>. Acesso em: 04 abr. 2021. n.p.

³⁰ MARASCHIN, Jaci. A Teologia dos Filósofos Gregos e a Teologia Cristã. **Correlatio**, [S.L.], v. 3, n. 5, jun. 2004. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/view/1779/1764>>. Acesso em: 04 abr. 2021. p. 21.

³¹ MARASCHIN, 2004, p. 21.

³² CARVALHO, Mário S. Presenças do Platonismo em Agostinho de Hipona (354-430). **Revista Filosófica de Coimbra**, [s. l], v. 9, n. 18, out. 2000. Disponível em: <https://www.uc.pt/fluc/dfci/public_publicacoes/presencas_do_platonismo>. Acesso em: 04 abr. 2021. p. 292.

neoplatonismo, da razão aristotélica e do pensamento racional implementado pelo raciocínio lógico, temos reforçado o entrelaçamento da Teologia, Filosofia e Ciência, com introjeção de balizas racionais para o exercício e estudo da fé.³³

A dogmatização da razão como paradigma, associada à perda de poder político do clero cristão após a Idade Média, abriu-se caminho para o surgimento de concepções religiosas cada vez mais afeitas à lógica e menos afeitas às balizas da ortodoxia.

Já no século XVII, influenciados pela Causa Primeira de Aristóteles e pelo Demiurgo de Platão, surgiu o deísmo, uma forma religiosa que acredita em uma religião natural com um deus criador, embora não determine as características desse deus, apenas que é transcendente, com negação da providência específica, um deus que não intervém e que não se revela na história, um deus que não mais se envolve com a sua criação,³⁴ uma clara influência naturalista.

Esse modelo de pensamento religioso descarta qualquer forma de textos sagrados, milagres, profecias, aparições de anjos e demônios, ou outras formas de intervenção sobrenatural que sejam incongruentes com as bases racionais científicas, uma religião despida do irracional e com revelação exclusivamente pela Razão. Essa religião natural seria o Deísmo. Paulo Jonas de Lima Piva, no seu estudo sobre Diderot, afirma que:

O deísmo seria, no geral, a mais racional e natural das religiões pelo fato de não se basear na ideia de revelação nem de livros sagrados, bem como por não adotar rituais ou se prender organicamente a instituições. Desse ponto de vista, o meio mais seguro e eficaz de conhecer-se Deus seria a razão. Por esse motivo em especial o deísmo ou religião natural seria uma crença superior às religiões pretensamente reveladas.³⁵

³³ MARQUES, José C. L. As verdades da razão e as verdades da fé em Tomás de Aquino. **Pensando - Revista de Filosofia**, Teresina, v. 9, n. 18, 2018. Disponível em: <<https://www.ojs.ufpi.br/index.php/pensando/article/view/5845/5067>>. Acesso em: 04 abr. 2021. p. 217.

³⁴ COSTANZA, José R. S. AS RAÍZES HISTÓRICAS DO LIBERALISMO TEOLÓGICO. **Fides Reformata**, São Paulo, v. 10, n. 1, 2005. Disponível em: <<https://cpaj.mackenzie.br/wp-content/uploads/2018/11/4-As-raizes-historicas-do-liberalismo-teologico-José-Roberto-da-Silva-Costanza.pdf>>. Acesso em: 04 abr. 2021. p. 83.

³⁵ PIVA, Paulo J. L. O acerto de contas de Diderot com o Ceticismo. **Trans/Form/Ação: Revista de Filosofia**, São Paulo, v. 31, n. 2, jul. 2011. Disponível em: <<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/983/886>>. Acesso em: 04 abr. 2021. p. 83.

Edward Herbert, Thomas Hobbes, John Locke, Jean Jacques Rousseau, Voltaire, Thomas Jefferson, George Washington e vários outros grandes pensadores da modernidade aderiram e contribuíram para a elaboração e disseminação do deísmo, principalmente durante o iluminismo, na luta humanista contra o poder clerical e em favor do antropocentrismo.³⁶

Após a crítica de Diderot à necessidade de um criador sobrenatural típica do deísmo, navegando, segundo Jordão Horta Nunes, entre o espinosismo e o ateísmo³⁷, o fortalecimento do evolucionismo Darwiniano, o fortalecimento do ateísmo e agnosticismo e após as campanhas antideístas das religiões teístas denominacionais, o deísmo recrudescu, porém, influenciou um movimento religioso posterior, o Liberalismo Teológico.

Schleiermacher, o pai da Teologia Liberal moderna, contrapondo-se ao deísmo, elabora a ideia de um Deus imanente, reconectando Criador e criatura, sendo a evolução histórica da religião uma manifestação deste Deus.³⁸ Apesar da mudança, manteve-se a rejeição à intervenção sobrenatural de Deus na natureza, a concepção de anjos e demônios, pecado original, sacrifício messiânico expiatório, contrapondo-se também à ortodoxia, caminho possível a partir da abordagem das Escrituras como texto humano passível de falhas e submetido a interesses diversos.

No que tange à hermenêutica bíblica, o enfoque principal de Schleiermacher não era teológico, mas psicológico. Ele preconizava que os intérpretes da Escritura deveriam tentar entender as ideias de seus autores, que eram simples seres humanos. Daí a não aceitação de que as Escrituras fossem a Palavra de Deus inspirada.³⁹

Ritschl, Troeltsch, Harnack, Tillich desenvolveram o liberalismo teológico, no interesse de estabelecer uma fé que se coaduna à razão. A neo-ortodoxia de Karl Barth e Emil Brunner, revalorizou as Escrituras. Desviando-se das discussões sobre a possibilidade racional do conteúdo histórico do texto bíblico, voltou o foco para o sentido espiritual do mesmo.

³⁶ COSTANZA, 2005, p. 84.

³⁷ NUNES, Jordão H. Comentários sobre Diderot e o espinosismo. **Philosophos - Revista de Filosofia**, Goiânia, v. 3, n. 1, ago. 2010. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/philosophos/article/view/10991/7264>>. Acesso em: 04 abr. 2021. p. 33.

³⁸ COSTANZA, 2005, p. 90.

³⁹ CONSTANZA, 2005, p.91.

Para o neo-ortodoxo, ao teólogo, deixa de ser necessário acreditar na existência concreta material do milagre. Refugiado na mensagem espiritual abarcada, o histórico do texto deixa de ser sagrado. A Bíblia passa a ser um instrumento para a Revelação, que é Jesus Cristo, não o texto escrito, a teologia ou a religião, aproximações humanas que são. Segundo Jefferson Zeferino “para além da religião, Barth compreende a realidade de um Deus em si, que se torna audível ao humano na pessoa de Jesus Cristo. Isto é, Karl Barth contrapõe revelação à religião”.⁴⁰

Desta forma a verdadeira Revelação não está impressa em papel seda e apenas se torna acessível ao ser humano pela ação do Espírito Santo.⁴¹

2.3 O MÉTODO HISTÓRICO-CRÍTICO: INSTRUMENTALIZANDO O NOVO PENSAMENTO CRISTÃO

Ao passo que historicamente a racionalidade foi ganhando espaço, o clero foi perdendo poder e o saber científico foi estabelecendo as balizas do que pode ser admitido como verdadeiro, a Teologia respondeu com suas sínteses apresentadas anteriormente.

Para se instrumentalizar o novo modelo de pensamento religioso cristão, a exegese do texto bíblico careceu renascer em novo modelo que absorvesse as mudanças filosóficas correntes. Nasceu assim o Método Histórico-Crítico.

Com fundamento na razão, renunciando à infalibilidade inerente à Teologia da inspiração verbal, diferenciou-se Escritura de Palavra de Deus. A partir de então, foi possível a submissão hermenêutica do texto bíblico à crítica em suas diversas formas. Jörg Garbers, entende que com o nascimento do Método Histórico-Crítico:

Nós nos libertamos criticamente do dogma eclesiástico e outros “antigos” e com isso se criam cosmovisões “antiquadas”. A razão do ser humano está no centro da compreensão: crítica, analogia, correlação e imanência são slogans

⁴⁰ ZEFERINO, Jefferson. Deus para além da religião: um ensaio teológico a partir de Karl Barth. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST, 3, 2016, São Leopoldo. **Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST**. São Leopoldo: Est, 2016. v. 3. Disponível em: <<http://anais.est.edu.br/index.php/congresso/article/view/759/472>>. Acesso em: 04 abr. 2021. p. 189.

⁴¹ ZEFERINO, 2016, p. 188.

de uma nova exposição e interpretação de textos. Vale o que é racionalmente explicável e historicamente deduzível.⁴²

Escrutinando-se a exegese por meio da crítica das fontes, das formas, da redação buscou-se excelência no estudo e na purificação de subjetividades terceiras intervenientes no processo de construção do texto bíblico.⁴³

Por meio de novos métodos hermenêuticos, paradigmaticamente focados no sujeito como a hermenêutica feminista, negra, do oprimido ou *Queer*, conscientes da subjetividade inerente ao próprio exegeta, procuraram oferecer oportunidade para a extração da Palavra por trás da palavra.

Apesar dos avanços e da ampla utilização no meio acadêmico, Augustos Nicodemos Lopes enfatiza que o Método Histórico-Crítico não permaneceu imune a críticas de teólogos e pensadores, especialmente fiéis à ortodoxia, pela inadequabilidade ao objeto de estudo ou pela falta de resultados sinérgicos decorrentes de sua aplicação.⁴⁴

2.4 O MILAGRE

A tarefa de conceituar o milagre não é simples e afligiu a mente de grandes pensadores. A definição de Hume foi amplamente divulgada, mas encontrou igualmente ampla crítica. Segundo ele:

Um milagre é uma violação das leis da natureza, e como essas leis foram estabelecidas por uma experiência firme e inalterável, a prova contra um milagre, pela própria característica do fato, é tão cabal quanto qualquer argumento imaginável derivado da experiência. Por que é mais do que meramente provável que todos os homens devam morrer, que o chumbo não possa permanecer por si mesmo suspenso no ar, que o fogo consuma a madeira e seja extinto pela água, senão porque esses eventos se mostram conformes às leis da natureza e se requer uma violação dessas leis- ou, em outras palavras, um milagre -para evitá-los? Nada que ocorra alguma vez no curso comum da natureza é considerado um milagre.⁴⁵

⁴² GARBERS, Jörg. O Método Histórico-Crítico: uma interpelação crítica à objetividade do exegeta e aos passos metodológicos do método histórico-crítico. **Vox Scripturae**, São Bento do Sul, v. 14, n. 2, out. 2006. Disponível em: <<http://www.voxscripturae.com.br/edicao/20/volume-xiv-numero-2-outubro-2006>>. Acesso em: 04 abr. 2021. p. 30.

⁴³ GARBERS, 2006, p. 31.

⁴⁴ LOPES, Augustus N. O Dilema do Método Histórico-Crítico na Interpretação Bíblica. **Fides Reformata**, São Paulo, v. 10, n. 1, 2005. Disponível em: <<https://cpaj.mackenzie.br/wp-content/uploads/2018/11/6-O-dilema-do-metodo-historico-critico-na-interpretacao-biblica-Augustus-Nicodemus-Lopes.pdf>>. Acesso em: 04 abr. 2021. p. 130.

⁴⁵ HUME, 2004, p. 160.

Outro grande filósofo, Baruch de Espinoza, já associa à definição do milagre o seu inato descrédito, vinculando o conceito do mesmo à incapacidade humana de explicação racional do evento. O referencial para o milagre é o padrão habitual costumeiro, ou seja, o próprio conceito remete ao uso do termo, não objetivamente ao objeto em si, uma vez que Espinoza entende pela sua impossibilidade e irracionalidade.

A partir, pois do fato de nada acontecer na natureza que não dependa das suas leis, de estas se estenderem a tudo o que o entendimento divino concebe e de, finalmente, a natureza manter uma ordem fixa e imutável, resulta claro que a palavra “milagre” só pode ser entendida relativamente às opiniões humanas e não significa senão um fato cuja causa natural não podemos explicar (ou, pelo menos quem escreve ou narra o milagre não pode explicar) por analogia com outra coisa que ocorre habitualmente. Poderia certamente dizer que um milagre é algo de que não podemos explicar a causa pelos princípios das coisas naturais conhecidos pela luz natural.⁴⁶

Espinoza pressupõe a unidade entre Deus e natureza, tornando a suspensão de alguma lei natural em uma negação da própria natureza divina, portanto seria absolutamente irracional. Espinoza reconhece a mão de Deus na ordem natural das coisas, não na eventual suspensão da mesma.⁴⁷ Immanuel Kant, de forma menos incisiva apenas propõe que o milagre deve ter causa permanentemente desconhecida para nós.

Mas, se se perguntar que importa entender pela palavra milagre, então (já que propriamente só nos interessa saber que é que eles são para nós, i.e., para o nosso uso prático da razão) pode explicar-se que há acontecimentos no mundo de cuja causa nos são e hão de permanecer de todo desconhecidas as leis de ação.⁴⁸

São Tomás de Aquino após chamar atenção ao fato de a própria palavra milagre remeter à admiração, argumenta que “chama-se, pois, milagre o que é cheio de admiração, no sentido de que a causa fica absolutamente oculta para todos”⁴⁹ ressaltando que devem ser de causas ocultas a todos.

⁴⁶ ESPINOZA, Baruch. **Tratado Teológico-Político**. 3. ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004. p. 206.

⁴⁷ ESPINOZA, 2004, p. 207-208.

⁴⁸ KANT, Immanuel. **A religião nos limites da simples razão**. 2. ed. Lisboa: Edições 70, 1992. p. 92.

⁴⁹ AQUINO, Tomás de. **Suma Teológica: a criação - o anjo - o homem**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005. p. 744.

Para Tomás de Aquino o efeito do milagre para o observador tem tanto importância quanto as características próprias do milagre em si, qual seja, a ausência de causa natural acessível.

Chama atenção para o fato que Tomás de Aquino, segundo o estudo de Matheus de Brito Pereira, entendia que o milagre não viola a ordem natural, o que seria uma violação da Causa Primeira, que é o próprio Deus, mas sim supera as forças da natureza, o que configura apenas em um ultrapassar de causas segundas, submissas, como devem ser, ao escrutínio de Deus.⁵⁰

Lewis alerta para mais uma elementar constitutiva: ele entende que o milagre é a intervenção de destaque na história, não é periférico, mas “são precisamente aqueles capítulos nesta grande narrativa de que trata o enredo”.⁵¹

2.4.1 A letra sagrada: Método Histórico Gramatical

Sem renunciar à Teologia da Infallibilidade das Escrituras Sagradas, o Método Histórico Gramatical estabelece limites interpretativos à exegese. Parte-se do pressuposto de que a letra do texto equivale à Palavra de Deus e, portanto, não tem erros e é imutável.

O conteúdo do texto não precisa se submeter à avaliação racional de possibilidade ou de credibilidade para ser convalidado, mantendo seu valor histórico e seu significado. A hermenêutica Histórico-Gramatical restringe seu trabalho em analisar a Bíblia semântica e linguisticamente, assim como, por meio de análise historiográfica, busca complementar o sentido que o texto detinha à época em que foi redigido, elucidando o interesse do autor e o contexto do público-alvo. Lázara Divina Coelho assim o coloca:

Em termos práticos, é um estudo do texto bíblico à luz do contexto histórico em que foi escrito. Considera-se para isto, regras exegéticas da semântica e

⁵⁰ PEREIRA, Matheus de Brito. O conceito de milagre em Tomás de Aquino. In: Encontro de pesquisa em História: revoluções e movimentos sociais, 5, 2017, Bauru. **Anais do 5 Encontro de pesquisa em História**. Bauru: Universidade São Camilo, 2017. Disponível em: https://unisagrado.edu.br/custom/2008/uploads/anais/historia_2017/trabalhos/o-conceito-de-milagre-em-tomas-de-aquino.pdf. Acesso em: 04 abr. 2021. p. 124.

⁵¹ LEWIS, 1947, n.p.

da gramática, comuns a qualquer texto literário, no contexto da situação do autor e dos leitores de seu tempo.⁵²

O surgimento dos princípios deste método exegético remonta a Escola de Antioquia com sua revalorização histórica e filológica do texto.⁵³

No período da Reforma Protestante, foi organizado um método propriamente dito, que visava estabelecer um modelo que garantisse a adequada aplicação do *Sola Scriptura* que libertasse os fiéis de dogmas não bíblicos.⁵⁴

Coelho ressalta a compreensão do sentido do texto por meios ordinários, o que se opõe à complexidade dos métodos críticos inacessíveis à maioria dos fiéis.

Este Método – Histórico-Gramatical – parte da perspectiva de que Deus existe e revelou-se ao homem por meio da Palavra escrita e que essa revelação, por ter origem na sua vontade, faz esse conhecimento possível e necessário ao homem. A possibilidade de conhecimento alcança o sentido das Escrituras conforme pretendido por Deus por meio de autor humano. Trata-se de um sentido único, verdadeiro e pleno, claramente exposto e explicado nas Escrituras e sua compreensão pode ser conseguida mediante os meios ordinários, como a pregação, a leitura e a oração.⁵⁵

2.4.2 Os Milagres são possíveis? Os Milagres são críveis?

Identificar a natureza com a própria divindade torna a concepção do milagre impossível para Espinoza. Da mesma forma, a percepção deísta leva à negação do milagre, por este significar a negação da determinação perfeita do Demiurgo.

A visão tomista já se refugia na separação entre Causa Primeira e causas segundas, para que a superação das leis naturais qualifique um milagre sem, contudo, contraditar a perfeição e imutabilidade do Criador, tornando o milagre teologicamente possível.

Juan Bonaccini diz que “do ponto de vista epistemológico, de acordo com a definição lógica de seu conceito, que não é contraditória em si mesma, Kant apenas

⁵² COELHO, Lázara D. **Os Caminhos do Método Histórico-Gramatical**: uma perspectiva descritiva. 2014. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2013. Disponível em: <<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/873>>. Acesso em: 04 abr. 2021. p. 38.

⁵³ COELHO, 2014, p. 47-48.

⁵⁴ COELHO, 2014, p. 69.

⁵⁵ COELHO, 2014, p. 77-78.

admite que os milagres são logicamente possíveis”,⁵⁶ ou seja, não há impossibilidade racional intrínseca à existência do milagre.

Bonaccini continua afirmando sobre Kant que “admitir que os milagres são possíveis não é dizer que temos de acreditar neles, nem que nós sabemos que milagres podem acontecer, mas que sabemos que eles não são, em princípio, impossíveis”.⁵⁷

Hume propõe um sistema de credibilidade proporcionalmente fundado na experiência,⁵⁸ um sistema empírico que não faz do milagre uma impossibilidade, ou seja, um postulado necessariamente falso, mas sim um evento não crível pela carência de fundamento empírico. O autor chega mesmo a admitir a possibilidade do milagre.⁵⁹

A Teologia Liberal e a Neo-ortodoxia, mesmo quando retoma a concepção da divindade imanente, convencidos pela irracionalidade do milagre, migram para a interpretação não literal dos relatos milagrosos bíblicos.

A partir de Kant e Hume vemos que a impossibilidade *a priori* é equivocada, não está racionalmente comprovada a impossibilidade do milagre, mas apenas a sua falta de credibilidade empírica. Lewis alerta para a valoração das Leis da Natureza:

Isto talvez ajude a tornar um pouco mais claro o que são realmente as leis da natureza. Temos o hábito de falar como se elas fizessem acontecer às coisas; mas na verdade jamais deram causa a qualquer acontecimento. As leis do movimento não movem as bolas de bilhar: elas analisam o movimento depois que alguém (digamos um homem com um taco, ou o balanço do navio, ou talvez, o poder supranatural) o tenha provido. Elas não produzem eventos: mas estabelecem o padrão ao qual cada evento, se puder ser induzido a acontecer, deve conformar-se.⁶⁰

O pressuposto crítico à hermenêutica não é obrigatório e a leitura literal do método histórico-gramatical passa a ser, por vias da fé, uma leitura possível e não intrinsecamente incompatível com a razão.

⁵⁶ BONACCINI, Juan A. Kant e o estatuto dos milagres. **Analytica**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, 2011. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/analytica/article/view/626/582>>. Acesso em: 04 abr. 2021. p. 88.

⁵⁷ BONACCINI, 2011, p. 89.

⁵⁸ HUME, 2004, p. 155.

⁵⁹ HUME, 2004, p. 178.

⁶⁰ LEWIS, 1947, n.p.

A curta hegemonia positivista de verdades indutivas relativas com seu estreito campo de visão não pode determinar os limites do saber teológico, tendo em vista que o supranatural não é, sequer, objeto de seu estudo.

3 UM MESSIAS TAUMATURGO

É comum a diversas religiões e movimentos religiosos a utilização de fenômenos sobrenaturais com vistas à sua validação e o Cristianismo não se excetua deste padrão geral. Jesus exerceu uma vida pública de curta duração, mas massivamente dotada de fenômenos sobrenaturais, em especial milagres de curas, como podemos perceber no decorrer da leitura bíblica.⁶¹

Embora a harmonia dos Evangelhos traga dificuldades técnicas para a definição exata do quantitativo explicitamente relatado, são dezenas de eventos miraculosos apresentados, sendo eles de qualidades diversas, em lugares diversos, em contextos diversos, em momentos diversos, por motivações diversas e com conseqüências diversas. Frente ao volume e o destaque que é dado ao aspecto taumaturgo da vida terrena do Messias, é inegável a importância e centralidade do milagre para o projeto cristão.

3.1 RELEVÂNCIA DO MILAGRE PARA O MESSIANISMO DE JESUS

Jesus não vem ao mundo a fim de inaugurar uma religião a partir do nada. O evento cristológico está alocado dentro de uma jornada maior que remete ao início dos tempos e ganha seu sentido completo ao relacionar-se com o todo. Apesar da centralidade da vinda do Messias, fato ao redor do qual todos os demais fatos históricos orbitam, ela deveria vir ajustada às expectativas proféticas que a apontavam.

Os judeus dispunham de 456 promessas messiânicas no Antigo Testamento. De acordo com a expectativa, o Messias deveria chegar em um momento de aflição, natural de Belém, da casa de Davi, qualificado como santo, justo e miraculosamente poderoso, com o objetivo de estabelecer o Reino de Deus.⁶²

⁶¹ BÍBLIA de Referência Thompson. 2. ed. São Paulo: Vida, 2010.

⁶² BAVINCK, Herman. **Dogmática Reformada**: O pecado e a salvação em Cristo. São Paulo: Cultura Cristã, 2012. p. 252.

João Calvino ressalta, inclusive, a importância da interrupção das intervenções sobrenaturais de milagres e profecias a partir de Daniel, para despertar a sede pela chegada do Messias.⁶³

Calvino defende a ideia do tríplice ofício do Messias: Sacerdote, Profeta e Rei⁶⁴ e para a efetivação e publicização desse tríplice ofício, Jesus lança mão do seu poder sobrenatural e realiza diversos milagres. Calvino, ajustado ao modelo de autoridade em que agia Jesus, diz que “não admira que Cristo lançasse seus milagres para convencer a incredulidade dos judeus, dado que, realizados por sua força, davam um grande testemunho da divindade.”⁶⁵

Wayne A. Grudem não chega à conclusão de que os sinais milagrosos atestavam a divindade em si, mas que a sua origem remetia a Deus.⁶⁶ Grudem segue ainda ressaltando outra função do milagre dentro das expectativas messiânicas: o Messias deveria vir para estabelecer o Reino de Deus e “um segundo propósito dos milagres é dar testemunho da vinda do reino de Deus e da extensão dos seus resultados benéficos à vida das pessoas, pois os resultados dos milagres de Jesus revelam as características do reino de Deus.”⁶⁷

Não basta, contudo, reconhecer a adequabilidade de que o Messias tenha sido um milagreiro. Mais além, conforme Herman Bavinck, deve ficar clara a posição de destaque e importância desse aspecto taumaturgo.

Quando estava sobre a terra, percorreu todas as cidades e vilas não apenas ensinando nas sinagogas as boas novas do reino, mas também curando todas as doenças e enfermidades que havia entre o povo (Mt 9.35). Essa não foi uma atividade secundária nem incidental, mas um elemento primário na obra que o Pai o incumbiu de realizar (Mt 8.17; Jo 5.36; 9.3-4; e assim por diante). Foram manifestas nessa atividade a plenitude de seu poder e as riquezas de sua misericórdia. As obras do pecado e de Satanás foram quebradas como resultado disso. As consequências do pecado no mundo físico foram inicialmente removidas por ela.⁶⁸

Jesus não é apenas um milagreiro, Jesus não é apenas mais um postulante a Messias, Jesus arroga para si a posição, mas apresenta robusta evidência que, além de atestar sua ligação com o sobrenatural, adequa-se ao propósito restaurativo de

⁶³ CALVINO, João. **A Instituição da Religião Cristã**: tomo I. São Paulo: Unesp, 2007. p. 470.

⁶⁴ CALVINO, 2007, p. 469.

⁶⁵ CALVINO, 2007, p. 129.

⁶⁶ GRUDEM, Wayne A. **Teologia Sistemática**: atual e exaustiva. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2012. p. 289.

⁶⁷ GRUDEM, 2012, p. 290.

⁶⁸ BAVINCK, 2012, p. 433.

sua messianidade. Seus milagres de cura sinalizam a chegada do Reino e prenunciam a plenitude do Reino no porvir.

3.2 RELEVÂNCIA DO MILAGRE PARA O CRISTIANISMO

Jesus Cristo é o personagem nuclear ao redor do qual toda a religião cristã é elaborada. Para o estabelecimento deste personagem como o Messias, já apresentamos a necessidade “validativa” do milagre. Em contraposição às correntes do judaísmo que aguardavam um reino material a se estabelecer pelo poder do Messias, Jesus propôs um reino que não era deste mundo, um reino espiritual⁶⁹, onde a traça e a ferrugem não destroem os tesouros⁷⁰.

O paradigma estrutural do reino fundado influenciou toda a história do Cristianismo no transcorrer destes vinte séculos. Temos a divulgação neste mundo de um reino de outro mundo.

É evidente que a Teologia e a práxis cristã tem efeitos materiais concretos, mas a demanda por evidências da conexão entre os dois mundos, a necessidade de sinais que atestem a origem sobrenatural com vistas a confirmar o discurso cristão permaneceu.

Os milagres, em especial os milagres de cura, não foram executados unicamente pelo Messias. Ainda durante o ministério de Jesus, foi delegada a prática de milagres aos discípulos e a alguns seguidores (Mt 10.1 e Lc 10.1-9).⁷¹

Após a morte e ressurreição do mestre, temos vários relatos bíblicos de milagres nos Atos dos Apóstolos e pelo restante do Novo Testamento⁷², efetivados por diversos sujeitos na chamada Era Apostólica com objetivo de credenciar a Revelação.

No transcorrer do período da Igreja Primitiva, nos anos dos Pais da Igreja, temos um elevado número de relatos milagrosos, como afirma Bavinck:

A questão de se o dom de profecia (predição) e de milagres continuou depois da era apostólica e ainda continua hoje é, portanto, de importância secundária. Os testemunhos dos pais da igreja são tão numerosos e

⁶⁹ BÍBLIA de Referência Thompson, 2010, p. 981.

⁷⁰ BÍBLIA de Referência Thompson, 2010, p. 876.

⁷¹ BÍBLIA de Referência Thompson, 2010, p. 879 e 939.

⁷² BÍBLIA de Referência Thompson, 2010, p. 871ss.

poderosos que com relação aos primeiros tempos, a resposta a essa pergunta dificilmente seria negativa.⁷³

Ao longo dos séculos seguintes, sob a influência majoritária de Roma e da teologia católica, estabeleceu-se a permanência e recorrência dos eventos milagrosos ao redor do mundo.

A importância da manutenção dos milagres para o cristianismo era tal, que foi necessária posição de Calvino nas Institutas para defender-se e defender o movimento reformador daqueles que arrogavam para si o respaldo divino pelo volume de milagres apresentados.

Agem de modo ímprobo ao requerer de nós os milagres; na realidade, não urdimos algum Evangelho novo, mas mantemos exatamente o mesmo: para a confirmação de sua verdade, servem todos os milagres que alguma vez tanto o Cristo quanto os apóstolos tenham dado à luz. E tem uma particularidade a mais do que nós: podem confirmar a sua Fe por milagres frequentes desde então até nossos dias. Mas, pelo contrário, antes alegam milagres que podem abater uma alma, de outro modo bem-disposta, porquanto ou são frívolos e ridículos ou vão e mentirosos.⁷⁴

Com o advento da Reforma Protestante, do Iluminismo e correntes filosóficas modernas que se seguiram, os aspectos sobrenaturais da religião passaram de motor propulsor de disseminação da fé, para um incômodo, a ponto de motivar uma leitura crítica com vistas a sua possível reinterpretação às luzes da razão, como abordamos no segundo capítulo deste trabalho. Com a vertente liberal rejeitando a materialidade do milagre e a ortodoxia protestante histórica majoritária focada no escrutínio teológico, a posição dos eventos milagrosos foi realocada ao segundo plano.

Já no início do século XX, surgiram os movimentos pentecostais que reposicionaram o milagre no cerne da teologia e da prática cristã, iniciando um movimento que, até hoje, em volume, só se fortaleceu, com desdobramento em movimentos neopentecostais, com surgimentos de diversas novas denominações religiosas que dão especial atenção à Teologia da Cura Divina.

O aspecto utilitário do milagre para a igreja hoje é explicado por Walter Brunelli, ao afirmar que “na prática, eu diria que a diferença entre fazer a obra de Deus

⁷³ BAVINCK, 2012, p. 347.

⁷⁴ CALVINO, 2007, p. 19.

sem esse poder e com esse poder é como trabalhar na lavoura com enxada ou com trator.”⁷⁵

Apesar da seriedade de várias igrejas sérias de vertentes carismáticas/pentecostais, hoje podemos presenciar uma nova versão da disputa entre católicos e protestantes por fiéis, em um aparente leilão de bênçãos sobrenaturais, em que o foco absoluto está na conquista da bênção, enquanto a mensagem cristã vem sendo deixada de lado, às avessas da proposta protestante inicial.

Ouvimos que sejam marcas distintivas do Evangelho; voltamo-nos por isso para destruir a fé no Evangelho? Que são destinados apenas para assinalar a verdade; acaso nos acomodaremos para a confirmação da mentira? Por isso, e conveniente que seja examinada e explorada, em primeiro lugar, a doutrina que o Evangelista diz que deve preceder, a qual, se tiver sido provada, deverá então finalmente arrogar para si, por direito, a confirmação pelos milagres.⁷⁶

O milagre tem deixado de ser um meio confirmatório da mensagem de Cristo e tem passado a ser um fim, um objetivo oferecido aos fiéis em uma sociedade de consumo.

3.3 TEOLOGIA DA CURA DIVINA

“Verdadeiramente ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si; contudo, nós o consideramos como aflito, ferido de Deus e oprimido” (Is 53.4).⁷⁷ “Isso aconteceu para que se cumprisse o que fora dito pelo profeta Isaías: Ele tomou sobre si as nossas enfermidades e levou as nossas doenças” (Mt 8.17).⁷⁸ Os dois versículos em destaque acima estão no cerne da Teologia da Cura Divina. A partir da exegese destes versículos temos o fundamento primeiro dos movimentos pentecostais e carismáticos atuais.

Uma exegese possível do texto conclui que Jesus, sendo o Messias e o Servo Sofredor a respeito de quem os versículos falam, em sua obra vicária expiadora estende seu alcance para além da remissão dos pecados, mas também para a cura

⁷⁵ BRUNELLI, Walter. **Teologia para pentecostais**: uma teologia sistemática expandida - volume 2. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2016. p. 313.

⁷⁶ CALVINO, 2007, p. 20.

⁷⁷ BÍBLIA de Referência Thompson, 2010, p. 667.

⁷⁸ BÍBLIA de Referência Thompson, 2010, p. 878.

das doenças daqueles salvos pela Graça. Millard J. Erickson, ao comentar a respeito dos teólogos da cura divina, diz que

Quando questionados, uma das respostas que muitas vezes se ouve é que a cura é um dos elementos da expiação, tanto quanto o perdão dos pecados e a salvação. Cristo morreu para levar sobre si não apenas o pecado, como também as enfermidades físicas.⁷⁹

Essa proposta encontra guarida na concepção de que a raiz da corrupção do mundo é o pecado, inclusive da corrupção material, da corrupção biológica, da doença orgânica. “Parece que a origem das doenças em geral encontra-se na Queda e que, como consequência dela, uma série de males foi introduzida neste mundo.”⁸⁰

Tendo em vista a função restauradora da obra messiânica de Jesus, anulando as consequências do pecado, o passo seguinte é dar materialidade física à obra salvífica de Jesus. Para Stanley M. Horton, essa já era a percepção desde a Igreja Primitiva:

Se o pecado leva ao sofrimento humano, nada mais natural que a Igreja Primitiva entendesse o ministério de Cristo como o alívio ao sofrimento humano, pois Ele era a resposta divina ao pecado. Os que ensinam estar a cura divina na expiação recuperam um conceito holístico - das pessoas e da obra expiadora de Cristo.⁸¹

Horton ainda pontua que a influência da filosofia platônica e aristotélica com uma acentuada dicotomização entre o material e o espiritual afasta os teólogos da possibilidade de verem o ser humano como um todo integrado, para quem a graça da Salvação chega de forma integral.⁸² Grudem conclui que “os dons de cura proporcionam um antegozo da cura perfeita que será nossa quando Cristo nos conceder um corpo ressurreto.”⁸³

Erickson aponta outra possível exegese dos versículos de Isaías e Mateus. Ao estudar as aplicações da expressão traduzida como “tomou sobre si” aponta que:

Tanto Mateus quanto Isaías se referem a doenças físicas e a angústias mentais, não a pecados. No entanto, eles não têm em vista o ato de suportar esses males de modo vicário. Parece mais provável que estejam descrevendo o ato solidário de carregar as dificuldades desta vida. Se esta é

⁷⁹ ERICKSON, Millard J. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 801.

⁸⁰ ERICKSON, 2015, p. 802.

⁸¹ HORTON, Stanley M. **Teologia Sistemática**: uma perspectiva pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 2018. p. 277. Disponível em: <<http://www.gospelfree.com.br/downloads/teologia-sistemática/Teologia%20Sistemática%20-%20Stanley%20Horton.pdf>>. Acesso em: 04 abr. 2021.

⁸² HORTON, 2018, p. 281.

⁸³ GRUDEM, 2012, p. 862.

a interpretação mais adequada, Jesus “tomou sobre si as nossas enfermidades e levou nossas dores” ao encarnar e não ao oferecer a expiação.⁸⁴

A hermenêutica de Erickson não necessariamente rompe com a Teologia da Cura Divina, mas desvincula a associação do sacrifício expiatório com os milagres de cura. O autor ainda concorda que Jesus continua a curar hoje, tornando mais claro o porquê da diferente resposta dada ao pecador arrependido que entrega sua vida para Jesus e é sempre salvo enquanto nem todo pecador arrependido que ora a Deus pedindo a cura de alguma doença recebe o milagre.⁸⁵

3.4 CESSACIONISMO X CONTINUISMO

O século XX trouxe os movimentos pentecostais, carismáticos e neopentecostais que realocaram o milagre, em especial a cura divina, no centro da pauta teológica. O teólogo e filósofo Allister McGrath reporta esse atual debate histórico:

A nova percepção e experiência relativas à presença do Espírito Santo na igreja atual tem levantado uma série de debates sobre a natureza do batismo do Espírito e sobre quais, dentre os vários "dons espirituais" (*charismata*), são de maior importância, tanto em relação à fé e à espiritualidade na esfera pessoal, quanto em relação à edificação da igreja como um todo.⁸⁶

Sobre atualidade dos dons do Espírito, existem três posições segundo Brunelli:

Há três tipos de posturas em relação ao texto: a dos continuístas (pentecostais), para os quais essa passagem bíblica vem para valorizar ainda mais os dons, a fim de que não sejam banalizados, afinal, são nobres demais para que não sejam bem aplicados; a dos cessacionistas (antipentecostais), que chegam a menosprezar os dons em favor da ordem no culto; e a dos conformistas, que até aceitam a atualidade dos dons, mas não veem neles grande importância, ou seja, que a igreja pode viver muito bem sem eles.⁸⁷

Prontamente já deve ficar claro que não é objeto deste trabalho a apologia de nenhuma destas vertentes teológicas, uma vez que o que se pretende é compreender a possibilidade da ocorrência de milagres no passado e no presente e tentar

⁸⁴ ERICKSON, 2015, p. 805.

⁸⁵ ERICKSON, 2015, p. 805.

⁸⁶ MCGRATH, Allister E. **Teologia sistemática, histórica e filosófica**: uma introdução à teologia cristã. São Paulo: Shedd Publicações, 2010. p. 162.

⁸⁷ BRUNELLI, 2016, p. 480.

reconhecer alguns traços padrões referenciais naqueles milagres de curas realizados por Jesus.

O debate entre cessacionistas e continuístas repousa em um aspecto instrumental da realização do milagre. Discute-se a continuidade ou não de alguns dons espirituais, a permanência ou não de alguns ofícios especializados para a igreja atual.

Ao se refletir sobre a continuidade dos dons de cura enumerados pelo Apóstolo Paulo em 1 Coríntios 12.9, em que diz “a outro, pelo mesmo Espírito, fé; a outro, pelo mesmo Espírito, dons de curar;”⁸⁸ mesmo aos adeptos da corrente cessacionista é possível crer em milagres de cura concedidos pela graça soberana de Deus hoje, sem a necessidade de um sujeito cujo dom espiritual principal seja algum dom de cura. Sobre a fé milagrosa, outro dom do Espírito citado por Paulo relacionado de diversas formas aos milagres de cura, cessacionistas podem refutar a sua atualidade, mesmo assim crer que milagres são possíveis hoje como afirma Louis Berkhof:

Com frequência é levantada a questão sobre se tal fé tem um lugar legítimo na vida do homem hoje. Os católicos romanos respondem afirmativamente, enquanto os protestantes estão inclinados a dar uma resposta negativa. Eles assinalam que não há base escriturística para tal fé, mas não negam que ainda podem ocorrer milagres. Deus é inteiramente soberano neste aspecto também, e a Palavra de Deus nos induz a aguardar outro ciclo de milagres no futuro.⁸⁹

A fim de deixar bem sedimentada a compatibilidade entre a crença na continuidade dos milagres, independente da crença na continuidade dos dons miraculosos, unindo assim tanto continuístas quanto cessacionistas, temos as posições de Calvino:

Mas estes milagres de virtudes e operações manifestas que se distribuíam pela imposição de mãos cessaram, e não podiam durar senão por algum tempo. Pois era conveniente que a nova pregação do Evangelho e o novo reino de Cristo fossem louvados e engrandecidos com milagres que jamais haviam sido vistos nem ouvidos. Mas, quando o Senhor fez que cessassem, nem por isso deserdou sua Igreja, mas ensinou que a magnificência de seu reino e a dignidade de sua Palavra estavam suficientemente demonstradas.⁹⁰

⁸⁸ BÍBLIA de Referência Thompson, 2010, p. 1040.

⁸⁹ BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Cultura Cristã, 2000. p. 498.

⁹⁰ CALVINO, João. **A Instituição da Religião Cristã**: tomo II. São Paulo: Unesp, 2007. p. 848.

Esse mesmo Calvino confiante no encerramento histórico dos dons milagreiros, demonstra lucidamente a ciência na liberdade soberana de Deus para intervir como bem lhe aprouver, por meio das suas providências especiais.

Na verdade, mais que privar Deus de sua glória, privam a si mesmos da mais útil doutrina aqueles que restringem a providência de Deus em limites tão estreitos, como se permitisse que todas as coisas se levassem em livre curso segundo a perpetua lei da natureza, pois não haveria nada mais miserável do que o homem se estivesse exposto a todos os movimentos do céu, do ar, da terra e das águas. Acrescente-se que, desse modo, muito indignamente se exaure a singular bondade de Deus para cada um.⁹¹

A mesma conclusão ocorre ao teólogo dispensacionalista Bavinck que, embora cessacionista,⁹² acredita na persistência de milagres eventuais, pois “aqueles que negam não apenas um ou outro milagre específico, mas a própria possibilidade de ocorrência dos milagres, colocam Deus em uma caixa e o prendem à natureza”.⁹³ No que tange à atitude da igreja frente ao debate, Grudem afirma que:

Devemos aprender quais dons são mais necessários na igreja de que participamos e então orar para que Deus dê aqueles dons para nós mesmos ou para outros. Se esses dons são considerados miraculosos ou não miraculosos não é de modo nenhum o que realmente importa.⁹⁴

⁹¹ CALVINO, 2007, p. 187.

⁹² BAVINCK, 2012. p. 339.

⁹³ BAVINCK, 2012. p. 375.

⁹⁴ GRUDEM, 2012, p. 870.

4 OS MILAGRES: CURA DE DOENÇAS ORGÂNICAS POR JESUS

Os quatro evangelistas reportam que, ao longo de seu ministério, Jesus realizou diversos milagres, muitos dos quais sequer teriam sido descritos em virtude do seu número exorbitante (Jo 20.30 e 21.25).⁹⁵

Dentre os milagres relatados, encontramos alguns não relacionados a pessoas em específico como a conversão de água em vinho (João 2.1-11), Jesus acalmando a tempestade (Mateus 8.23-27; Marcos 4.35-41 e Lucas 8.22-25), as pescas miraculosas (Mateus 4.18-22 e 17.24-27; Marcos 1.16-20; Lucas 5.1-11 e João 21.1-24), o ressecamento da figueira amaldiçoada (Mateus 21.18-22 e Marcos 11.12-14), a caminhada sobre as águas (Mateus 14.22-33; Marcos 6.45-52 e João 6.16-21), as multiplicações de alimentos (Mateus 14.13-21 e 15.32-39; Marcos 6.31-44 e 8.1-9; Lucas 9.10-17 e João 6.5-15) e a Transfiguração (Mateus 17.1-13; Marcos 9.2-13 e Lucas 9.28-36).⁹⁶ Além desses milagres citados, uma grande porção de milagres voltados a pessoas com problemas de saúde, endemoniados ou mesmo mortos foram apresentados nos evangelhos.

Para a nossa análise descartamos os milagres de ressuscitação, bem como os milagres de exorcismos, a fim de focar toda a atenção aos milagres de curas de condições orgânicas. Já que não é foco da nossa atenção a determinação da possibilidade de as doenças serem ou não, todas, expressões de demonismos, possessões espirituais, excluímos todos os milagres em que há alguma menção direta ou indireta à possível causa demoníaca.

Com objetivo de viabilizar o estudo, agrupamos os milagres de cura em quatro grupos: Leprosos, Cegos, Paralíticos e Outros. Dessa maneira pudemos colher mais dados em busca de padrões referenciais. Procuramos identificar os elementos que motivaram a escolha da pessoa curada ou do sucesso na obtenção da cura para aqueles que a buscavam e analisando aspectos biológicos, sociais, psicológicos e espirituais das patologias, traçamos as consequências da cura na esfera privada do

⁹⁵ BÍBLIA de Referência Thompson, 2010, p. 983-984.

⁹⁶ BÍBLIA de Referência Thompson, 2010, p. 871ss.

sujeito, para a comunidade em que o mesmo estava inserido e para o Cristianismo como um todo.

4.1 LEPROSOS

A lepra bíblica era uma condição clínica com correspondência a diversas entidades patológicas contemporaneamente conhecidas e elucidadas, entre elas a Moléstia de Hansen ou hanseníase. Na obra de Roberto Focaccia são elencados diversos diagnósticos diferenciais que, mesmo hoje em dia, podem causar confusão ao clínico: vitiligo, nevos, pitiríases, linfomas, líquens, psoríases, acromias parasitárias, sífilis, dermatofitoses, sarcoidose, leishmaniose, esclerodermia, blastomicose, histoplasmose, neurofibroma, dermatite seborreica, farmacodermia, dermatomiosite, urticária, eritema nodoso, entre outras.⁹⁷

Atualmente já temos uma grande diversidade diagnóstica possível a partir de quadros sugestivos de hanseníase. Nos tempos bíblicos também já era abarcada, dentro do título lepra, até 72 doenças distintas, segundo James R. Edwards.⁹⁸ Sobre o uso do nome lepra para outras patologias distintas da Moléstia de Hansen (MH), Focaccia cita o caso inaugural:

Hipócrates (460 a.C.) usou, pela primeira vez na medicina, a terminologia “lepra” quando descreveu manchas brancas na pele e nos cabelos; porém, em nenhum momento, falou das sequelas neuromusculares características da moléstia de Hansen; portanto, certamente, não se referiu à MH, e sim ao vitiligo.⁹⁹

Concordam com a inespecificidade da lepra bíblica em relação à hanseníase os teólogos comentaristas como Richard T. France¹⁰⁰ e Joel B. Green.¹⁰¹ Apesar da inespecificidade, a verdadeira hanseníase também já era razoavelmente conhecida, com tipos clínicos já documentados e com propostas terapêuticas em tempos bem anteriores aos de Jesus.

Pelas tradições transmitidas verbalmente, a moléstia já era referida 6.000 anos antes da nossa era. As descrições do Levítico na Bíblia referem-na

⁹⁷ FOCACCIA, Roberto; VERONESI, Ricardo. **Tratado de Infectologia**. 5. ed. São Paulo: Atheneu, 2015. p. 1218.

⁹⁸ EDWARDS, James R. **O Comentário de Marcos**. São Paulo: Shedd Publicações, 2018. p. 102.

⁹⁹ FOCACCIA, 2015, p. 1192.

¹⁰⁰ FRANCE, Richard T. **Luke**. Michigan: Baker Books, 2013. E-book. n.p.

¹⁰¹ GREEN, Joel B. **The Gospel of Luke**. Cambridge: William Eerdmans Publishing Company, 1998. E-book. n.p.

desde 1400 a.C. Os chineses mencionam a MH a partir de 1100 a.C.; e também descreveram: Lai-Ping = hanseníase neural; e, Lai-Fon = hanseníase virchowiana. As descrições mais antigas e precisas da MH provêm da Índia, 600 anos a.C. (Tratado Médico Indiano de Sushruta Samhita a denomina “Kushta”), já citavam dois grupos principais: Vat Rakta, no qual observavam-se manifestações predominantemente neurais; Arun Kushta, em que eram observadas características da atual MH virchowiana. Esses doentes eram tratados com o óleo de Chaulmoogra (*Hidnocarpus wightiana*).¹⁰²

A Moléstia de Hansen propriamente dita é uma doença infectocontagiosa, causada pela *Mycobacterium leprae* ou Bacilo de Hansen,¹⁰³ a provocar um espectro patológico amplo, da assintomatologia até quadros multissistêmicos graves de alta morbidade e potencialmente fatais.¹⁰⁴ A transmissão ocorre principalmente pelas vias aéreas superiores e pelo contato da pele ou mucosa lesada, além da transmissão ser possível pela amamentação, secreções e excreções humanas.¹⁰⁵

Apesar das múltiplas formas de disseminação, Focaccia explica que “o bacilo de Hansen é de alta infectividade e baixa patogenicidade e virulência. Portanto, admite-se que muitas pessoas se infectam em áreas endêmicas, mas somente a minoria evolui para a doença”¹⁰⁶. Observa-se que cerca de 80% da população adulta é resistente à infecção.¹⁰⁷

O sistema nervoso periférico é composto por agrupamentos neuronais denominados nervos periféricos, que, ao longo de sua porção axonal, são envolvidos pelas células de Schwann. O Bacilo de Hansen tem tropismo para o sistema nervoso periférico e tem a capacidade de invadir as células de Schwann, ali se reproduzindo e iniciando seus danos ao sujeito infectado.¹⁰⁸

Ao ser infectado pela *Mycobacterium leprae*, ela será neutralizada pelo sistema imunológico da maioria das pessoas. Em alguns casos ela oferecerá uma doença subclínica não notada pelo paciente que desaparecerá sozinha, em uma menor parte dos casos desenvolverá alguma forma da doença perceptível, sendo que dentre as formas perceptíveis, a Indeterminada, poderá curar-se espontaneamente em 70% dos casos.¹⁰⁹

¹⁰² FOCACCIA, 2015, p. 1191.

¹⁰³ FOCACCIA, 2015, p. 1193.

¹⁰⁴ FOCACCIA, 2015, p. 1191.

¹⁰⁵ FOCACCIA, 2015, p. 1202.

¹⁰⁶ FOCACCIA, 2015, p. 1202.

¹⁰⁷ FOCACCIA, 2015, p. 1202.

¹⁰⁸ FOCACCIA, 2015, p. 1197.

¹⁰⁹ FOCACCIA, 2015, p. 1203.

Entre os casos em que não houve cura espontânea, a microbactéria pode desenvolver-se livremente e disseminar-se pelo organismo, ao que chamamos Forma Virchowiana, Multibacilar, contagiante, ou pode enfrentar uma organização posterior do sistema imunológico que restringe a disseminação para outros órgão e tecidos, apresentando a Forma Tuberculóide, Paucibacilar, não infectante, com sintomas neurais e cutâneos. Sendo possíveis posições intermediárias entre esses dois polos, denominadas Forma Dimorfa, também potencialmente contagiantes.¹¹⁰

Os sintomas iniciais são as perdas sensitivas térmicas, dolorosas e táteis, seguidas das lesões cutâneas hipocrômicas ou eritêmato-hipocrômicas ou alopecia, aliadas aos sintomas sensitivos descritos, podendo apresentar as lesões tuberculóides provenientes dos espessamentos neurais, sendo que nos casos de evolução virchowiana as lesões cutâneas, tanto em máculas quanto em nódulos podem vir em grande quantidade e graus, além dos acometimentos possíveis em diversos órgãos.¹¹¹ Nos tempos bíblicos, o destino do leproso era terrível, condenado ao ostracismo e opróbrio sem equiparação.

Outros tipos de impureza, por exemplo, pelo contato com animais impuros, cadáveres, ou descargas humanas, eram temporárias, e uma vez que o período prescrito passava e as ofertas apropriadas eram feitas, a pessoa poderia retornar à vida normal sem estigma. Com essa doença era diferente: enquanto a doença persistisse, a pessoa não tinha lugar na sociedade e tinha que maquinar existir longe da moradia das outras pessoas (Lv 13.45-46). Nenhuma outra doença carregava esse estigma, por isso o horror com o qual a “lepra” era considerada.¹¹²

Apesar de hoje ter tratamento, a Lepra condenava ao sofrimento, humilhação e marginalização nos tempos de Jesus e permanece estereotipando, sequelando e excluindo em pleno século XXI.

¹¹⁰ FOCACCIA, 2015, p. 1203-1204.

¹¹¹ FOCACCIA, 2015, p. 1207-1208.

¹¹² FRANCE, Richard T. **The Gospel of Mathew**. Cambridge: William Eerdmans Publishing Company, 2007. E-book. n.p. “*Other types of uncleanness, for example, through contact with unclean creatures, dead bodies, or bodily discharges, were temporary, and once the prescribed period was past and the appropriate offerings made the person concerned could reenter normal life without stigma. With this condition it was different: as long as the condition persisted, the person had no place in society and had to contrive to exist away from other people’s dwellings (Lev 13:45-46). No other disease carried this stigma, hence the horror with which the “leper” was regarded.*” (tradução nossa).

4.1.1 Leproso tocado - Mt 8.1-4; Mc 1.40-45; Lc 5.12-16

É apresentado um leproso que busca a presença de Jesus, rogando-lhe a purificação da sua condição, declarando plena confiança no poder de Jesus, com a única dependência da vontade de Cristo.

Jesus então declara sua vontade em purificá-lo, toca-o e ele é imediatamente curado, sendo orientado a apresentar-se ao sacerdote e cumprir os requisitos da Lei sobre leprosos purificados e guardar segredo sobre a cura recebida até lá. O leproso não obedece ao comando de segredo e provoca ampla divulgação, que rende demasiada fama a Jesus, que se vê impedido de entrar nas cidades frente às grandes multidões que passavam a segui-lo.¹¹³

Lucas, em sua descrição da condição do homem, acrescenta que estava “coberto de lepra”, explicitação da formação do evangelista, com intuito de demonstrar o grau de avanço da doença¹¹⁴ que, segundo Robert H. Stein, não era a atual hanseníase, talvez psoríase,¹¹⁵ acompanhado por Green, que refuta uma interpretação biomédica.¹¹⁶

Em sua obra, Frederick F. Bruce aponta que a lepra era tão temida “quanto o câncer hoje em dia”¹¹⁷ o que não ocorre sem motivo, frente às graves consequências da doença ressaltadas por Edwards que, para além da saúde, “lhes roubava o nome, a ocupação, os hábitos, a família, o convívio social e a comunidade de adoração.”¹¹⁸

Donald A. Carson ensina que a lepra era entendida como maldição divina,¹¹⁹ assim, segundo Green, não era o risco de vida que fazia dela uma enfermidade tão assustadora, mas estar sob essa maldição e condenado à marginalização social.¹²⁰

Combatendo tão grande mal, France equipara entre essa cura e uma ressurreição¹²¹ É importante chamar atenção que Green entende que o fato de o texto

¹¹³ BÍBLIA de Referência Thompson, 2010, p. 877, 905 e 931.

¹¹⁴ CHAMPLIN, Russell N. **O Novo Testamento Interpretado**: versículo por versículo - Lucas João. São Paulo: Candeia, 1995. p. 57.

¹¹⁵ STEIN, Robert H. **Luke**. Nashville: Broadman Press, 1992. p. 172.

¹¹⁶ GREEN, 1998, n.p.

¹¹⁷ BRUCE, Frederick F. **Comentário Bíblico NVI**: Antigo e Novo Testamento. São Paulo: Vida, 2009. p. 1657.

¹¹⁸ EDWARDS, 2018, p. 102.

¹¹⁹ CARSON, Donald A. **O Comentário de Mateus**. São Paulo: Shedd Publicações, 2011. p. 240.

¹²⁰ GREEN, 1998, n.p.

¹²¹ FRANCE, Richard T. **The gospel of Mark**: a commentary on the greek text. Cambridge: William Eerdmans Publishing Company, 2002. p. 116.

descrever que a lepra, ao invés de ser curada, deixou ele, indicaria causa demoníaca,¹²² porém a argumentação é frágil e não motivou a retirada deste milagre da lista de milagres de cura divina de doenças orgânicas objeto deste trabalho.

O leproso buscou socorro em Jesus. Parte do fiel a atitude de buscar aquele que ele acredita ter poder para a realização da cura divina. A escolha do alvo da cura divina se deu pela demanda do próprio doente.

A doença que acometia o demandante era virtualmente incurável para a medicina da época. A doença estava em estágio avançado, tendo em vista a descrição dada.¹²³ O leproso tem uma atitude de humildade, submissão, reverência e respeito, expressas pela atitude de ter se prostrado com rosto em chão e implorado.¹²⁴

Foco sobre a atitude do leproso, temos o destaque de uma absoluta fé no poder de Cristo. O uso do termo “Senhor” para designar Jesus já indica a fé nas habilidades divinas do mesmo,¹²⁵ crença reforçada ao associar a dependência da cura divina exclusivamente à vontade do Messias. Carson afirma, em referência à confiança na soberania da vontade messiânica:

As palavras: “Se quiseres”, refletem a grande fé do leproso, estimulada pela atividade de cura de Jesus por todo o distrito (4.24), ele não tinha dúvida em relação ao poder de cura de Jesus, só temia ser ignorado. Jesus, ao afirmar sua disposição de curar, provou que sua vontade é decisiva. Ele já tinha a autoridade e o poder, só precisava decidir e agir.¹²⁶

No mesmo sentido se expressa o comentarista Craig L. Blomberg:

O leproso revela uma confiança impressionante no poder de Jesus (“tu podes”), especialmente à luz da crença judaica de que curas de leproso são tão difíceis quanto ressuscitar os mortos (baseado originalmente em 2 Rs 5:27). Ao mesmo tempo, o leproso submete-se à soberania de Jesus (“se tu quiseres”). Essas confianças gêmeas são cruciais em todas as orações Cristãs por cura.¹²⁷

¹²² GREEN, 1998, n.p.

¹²³ FRANCE, 2013, n.p.

¹²⁴ STEIN, 1992, p. 172.

¹²⁵ GREEN, 1998, n.p.

¹²⁶ CARSON, 2011. p. 240-241.

¹²⁷ BLOMBERG, Craig L. **Mathew**. Nashville: Broadman Press, 1992. p. 138. “*The leper reveals an astonishing confidence in Jesus’ power (“you can”), especially in light of the Jewish belief that cures of lepers were as difficult as resurrections from the dead (based originally on 2 Kgs 5.27). At the same time, the leper defers to Jesus’ sovereignty (“if you are willing”). These twin thrusts are crucial in all Christian prayers for healing.*” (tradução nossa).

Essa passagem, pois, é importante para estabelecer que acreditar na soberania de Deus não é incompatível com a fé em seu poder.

Em relação ao ritual de realização do milagre, Jesus estende o braço e toca o doente. E a cura ocorre completa e instantaneamente. Ela não se dá parcialmente nem gradualmente. France percebe, pela análise do texto original, que os sintomas da lepra podiam ser vistos desaparecer.¹²⁸ Não é, portanto, um milagre que se apresenta em secreto, no escuro, escondido. Ele não se faz por detrás de panos e movimentos mirabolantes como com os mágicos, o que sobrecarrega ainda mais a impressão fantástica que o evento provocou nos presentes, a ponto de ser apresentado por três evangelistas.

Após a execução da cura, temos a proibição de divulgação da mesma pelo curado. Lucas e Mateus o fazem de maneira mais breve, enquanto Marcos enfatiza a ordenança do silêncio com um modo severo que reflete a seriedade dessa solicitação.¹²⁹

France entende que propaganda milagreira desvirtuaria o foco do interesse das pessoas.¹³⁰ Como pensa Stein, Jesus desejava seguidores que procuravam a mensagem da qual a cura era apenas um símbolo.¹³¹ Jesus não queria estimular a busca por um operador de milagres.

O Jesus bíblico executou a cura divina com significado. O milagreiro combate a propaganda de milagre como isca para a pesca de fiéis, mantendo o foco na mensagem de arrependimento e renascimento no Reino de Deus. A cura deixa o centro, ocupado pela mensagem do arrependimento e salvação.

Rompida a barreira imposta pela doença, o leproso curado agora pode ser socialmente reintegrado. Ele deixa a solidão do isolamento e passa a fazer parte de uma comunidade novamente, na qual ele pode exercer seu papel. Essa reintegração é tão importante aos olhos de Jesus que o leva a ordenar ao curado a procura do sacerdote, porque apenas eles poderiam oficializar a reintegração.¹³²

¹²⁸ FRANCE, 2002, p. 118.

¹²⁹ CRANFIELD, Charles E. B. **The Gospel According to Saint Mark**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. p. 94.

¹³⁰ FRANCE, 2002, p. 119.

¹³¹ STEIN, 1992, p. 172.

¹³² STEIN, 1992, p. 173.

Além da possibilidade de convivência, o leproso, que antes era considerado impuro, passa a ser cerimonialmente apto para a adoração divina e religiosamente integrado. Destaca-se esse aspecto consequencial da cura por ser utilizado o verbo “purificar” no lugar de “curar” nos três evangelhos, como diz Russell N. Champlin.¹³³

Para a comunidade da época, como consequência, temos a reintegração de um de seus membros que estava amputado do corpo social, mas, para além disso, temos uma atitude de enfrentamento a um tabu para aquela sociedade, em relação aos leprosos. France defende que a prioridade de Jesus à necessidade sobre o ritual legal é flagrante.¹³⁴ Há aqui a sobreposição do amor à lei cerimonial, uma forte marca do discurso e prática do Messias em reinterpretar e fazer juízos em choque de normas.

Uma vez que não era necessário o toque para a realização da cura divina, exemplificada especificamente para a lepra na cura dos dez leprosos, o fato de Jesus ter tocado o leproso passa a ter significado.¹³⁵

Para o Cristianismo temos o exemplo de que os milagres implementam um amor que deve ignorar os tabus sociais e nos impelir ao acolhimento dos párias sociais,¹³⁶ Craig S. Keener induz que mesmo que essa atitude repercuta em nosso prejuízo social. Devemos estar dispostos a agir a despeito dos olhares de recriminação se voltarem para nós mesmos, como Jesus fez.¹³⁷ France destaca que qualquer um que visse a cena do toque, ficaria horrorizado,¹³⁸ mas nem isso deteve Cristo.

4.1.2 Os dez leprosos - Lc 17.11-19

Esse milagre é reportado unicamente pelo evangelista Lucas e conta o episódio em que Jesus, a caminho de Jerusalém, na região entre a Galileia e Samaria, é interpelado por dez leprosos a rogar por misericórdia.

¹³³ CHAMPLIN, 1995, p. 57.

¹³⁴ FRANCE, 2002, p.115-116.

¹³⁵ BLOMBERG, 1992, p. 139.

¹³⁶ BLOMBERG, 1992, p. 139.

¹³⁷ KEENER, Craig S. **A Commentary on the Gospel of Mathew**. Cambridge: William Eerdmans Publishing Company, 1999. E-book. n.p.

¹³⁸ FRANCE, 2007, n.p.

Jesus ordena que eles se apresentem aos sacerdotes e, no caminho, eles são curados, mas apenas um deles, o samaritano, retorna para agradecer, sendo que a este é dada não somente a cura física, mas também a salvação.¹³⁹

France chama a atenção para a situação de haver um samaritano entre nove judeus, presumindo que a marginalização provocada pela lepra abriu as portas para uma camaradagem entre excluídos que ignora preconceitos étnicos.¹⁴⁰ Apesar do relevo dado à gratidão após a cura divina do leproso samaritano, a nossa atenção se volta aos condicionantes da cura divina física anterior, não da salvação ou do perdão.

Primeiramente ressalta-se a conduta ativa dos leprosos de buscar socorro em Jesus. Os leprosos foram ao encontro de Jesus, não o contrário. A escolha do alvo da cura divina se deu pela demanda dos próprios doentes.

A doença era considerada incurável para a medicina da época, como já determinado na análise da cura do leproso tocado por Jesus. Os leprosos deram diversos sinais de fé, que parece ter um papel deveras importante para a cura divina. Por exemplo, os outros usos, ao longo do Novo Testamento, da palavra Mestre utilizada por eles na passagem, denotam uma crença de que Jesus tinha poderes miraculosos.¹⁴¹ Francis Davidson¹⁴² e Stein concordam que a atitude de obedecer à ordem de ir até os sacerdotes, antes mesmo de perceberem-se curados, demonstra a fé novamente¹⁴³

Não é possível dizer que a fé dos dez leprosos é a fé miraculosa, dom do Espírito, que seria distribuída aos membros convertidos à fé cristã. Uma vez que a atitude de ingratidão dos nove não se coaduna com o novo nascimento, temos aqui uma cura divina que demonstra o caráter gracioso de Deus, abençoando até os ingratos.¹⁴⁴

¹³⁹ BÍBLIA de Referência Thompson, 2010, p. 949.

¹⁴⁰ FRANCE, 2013, n.p.

¹⁴¹ GREEN, 1998, n.p.

¹⁴² DAVIDSON, Francis. **O Novo Comentário da Bíblia**. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. E-book. n.p.

¹⁴³ STEIN, 1992, p. 434.

¹⁴⁴ GREEN, 1998, n.p.

Sobre o ritual empregado para a efetivação da cura divina, temos que não foi necessário nominar o milagre pretendido, ele estava subentendido. Especula-se apenas que eles gritaram por misericórdia.¹⁴⁵

O milagre ocorreu à distância, o comando de Jesus foi suficiente, não sendo necessário toque físico algum.¹⁴⁶ A cura divina não aconteceu de imediato, ela ocorreu subitamente ao longo da caminhada obediente dos leprosos¹⁴⁷

A cura divina não foi associada ao perdão dos pecados. Apesar de dez terem sido curados da lepra, apenas um foi curado espiritualmente.¹⁴⁸ Apesar de gozar do milagre, Stein entende que faltou aos nove a fé salvadora.¹⁴⁹ O milagre não depende do arrependimento e é parte do ofício de misericórdia da igreja.

O comando de buscar a autoridade a fim de comunicar a cura visa a reintegração social dos curados, que podem voltar ao convívio comum, a uma vida produtiva, não dependendo mais de esmolas. Estão aptos a trabalhar, tocar e ser tocados, participar da vida religiosa, noivar, ter filhos, podem voltar a viver plenamente.

É possível que ocorressem casos de cura espontânea, e que, em outras oportunidades, não tenha havido casos autênticos de lepra, como quando os leprosos se dirigiam aos sacerdotes, no templo, a fim de serem pronunciados limpos, isto é, curados. Tal pronunciamento permitia-lhes se associarem novamente com seus semelhantes, na sociedade.¹⁵⁰

Sendo assim, para os curados temos um recomeço funcional da vida e, para a comunidade, temos um sinal da Graça de Deus a ser reconhecido.

Champlin ressalta que a passagem combate a xenofobia e ilustra a universalidade da fé cristã, inclusive adequada à própria experiência de Lucas, que não era completamente judeu.¹⁵¹ Apesar de não serem consequências diretas da cura divina em si, são consequências do contexto de exemplo samaritano em que ocorreu.

¹⁴⁵ STEIN, 1992, p. 433.

¹⁴⁶ FRANCE, 2013, n.p.

¹⁴⁷ CHAMPLIN, 1995, p. 168.

¹⁴⁸ CHAMPLIN, 1995, p. 168.

¹⁴⁹ STEIN, 1992, p. 433.

¹⁵⁰ CHAMPLIN, 1995, p. 167.

¹⁵¹ CHAMPLIN, 1995, p. 168.

Como consequência dessa cura temos, para além das consequências locais de modelo de integração dos gentios, fundamentação a embasar a franca expansão da fé cristã para além da etnia judaica, sinalizando a expansão do Cristianismo.

4.2 OS CEGOS

A visão é um dos sentidos que permite ao ser humano aperceber-se do mundo que o cerca, obter as informações sensitivas necessárias à compreensão e à tomada de decisão. Por meio da visão nos é possível ver o belo, nos encantar, nos apaixonar. São órgãos pequenos, mas dotados de um complexo sistema de captação da luz, formação da imagem focada, transformação dessa imagem em corrente elétrica neuronal a ser interpretada pelo cérebro, cuja integração é executada com singeleza e perfeição.

Como em qualquer sistema complexo, estamos sujeitos a diversos problemas congênitos, traumáticos, infecciosos, degenerativos, autoimunes, vasculares ou psicossomáticos que podem prejudicar, ou mesmo abolir a capacidade visual. A cegueira, em especial nos tempos de Jesus, limita o ser humano ao incapacitá-lo. Condenado às trevas, muitas dificuldades se impõe ao doente, que em geral está condenado à mendicância para sobreviver.

Mesmo na contemporaneidade, a cegueira tem tratamento incipiente. Na maior parte das vezes é irreversível, o que demonstra a maior desesperança que deveria recair sobre aqueles acometidos por essa condição dois mil anos atrás. Era uma doença incurável para a medicina da época.

Tendo em vista a obra de ensino do Messias, a Luz do mundo veio para retirar a humanidade das trevas e trazê-la à luz da verdade. Neste sentido espiritual, a cura da cegueira física passa a ter um significado altamente especial, sendo notável a presença de quatro milagres de cura de cegueira relatados nos evangelhos e analisados a seguir.

4.2.1 Os dois cegos na Galileia - Mt 9.27-31

Esse milagre aparece apenas no Evangelho de Mateus, contando um episódio em que dois cegos seguem a Jesus, suplicando por misericórdia. Chegando a uma

casa são questionados pelo Messias se tinham fé na cura, ao que respondem afirmativamente. Após serem tocados nos olhos, são curados e advertidos a manter silêncio a respeito da dádiva que receberam, seguido da desobediência dos mesmos.¹⁵²

Apesar das alegações da possibilidade de aqui estar sendo retratado o mesmo milagre de outras curas de cegos, como em Jericó, assumimos uma exegese fundada no método histórico gramatical e com fundamento na fidedignidade dos textos bíblicos. Assim os locais, número de cegos, momentos em que ocorreram são algumas das diferenças a motivar a citação apartada dos dois milagres como episódios distintos.

Segundo o texto, os cegos procuraram por Jesus. Parte, novamente do fiel, portanto, a atitude de busca. A escolha do alvo da cura divina se deu pela demanda dos próprios doentes.

A atitude dos cegos é humilde. Eles não exigem nada, não entendem ter direito ou merecimento algum. Eles simplesmente suplicam pela misericórdia. Chamar Jesus de “Filho de Davi”, expressa a fé dos cegos na messianidade de Jesus. “Se Jesus era realmente o Messias, raciocinou o cego, então ele teria misericórdia por eles, e eles teriam a visão. Portanto, a necessidade deles guiou-os para a fé.”¹⁵³

Keener chama atenção para a levantada necessidade de melhor esclarecimento da fé apresentada inicialmente pelos cegos.

A despeito dos atos de fé iniciais deles, Jesus os força a esclarecer que eles não apenas procuram sua ajuda e reconheciam sua identidade, mas admitiam sua habilidade para curar essa de outra forma irreversível incapacidade (9:28). Jesus se recusa a curar sem fé; ele não é um mágico, mas alguém que procura glorificar seu Pai.¹⁵⁴

France e Bruce chamam a atenção para o fato de que essa passagem apresenta a única cura previamente¹⁵⁵ e totalmente condicionada à fé do sujeito a ser

¹⁵² BÍBLIA de Referência Thompson, 2010, p. 879.

¹⁵³ CARSON, 2011, p. 279.

¹⁵⁴ KEENER, 1999, n.p. “*Despite their initial acts of faith, Jesus forces them to clarify that they not only seek his help and recognize his identity, but acknowledge his ability to heal this otherwise irreversible disability (9:28). Jesus refuses to heal without faith; he is not a magician, but one who seeks to glorify his Father*” (tradução nossa).

¹⁵⁵ FRANCE, 2007, n.p.

curado.¹⁵⁶ Champlin vislumbra que as ações de Jesus têm significado. A exigência de fé, portanto, tem função docente.

Poderíamos supor que Jesus não precisava desse elemento da fé para efetuar curas, mas o fato é que ele exigiu fé em determinados casos, certamente para ensinar lições espirituais. É possível que muitas curas ele tenha efetuado por mera compaixão, sem qualquer outra consideração e a despeito da ausência da fé.¹⁵⁷

A cura divina ocorreu de forma completa e imediata, não parcial ou gradualmente. A expressão “segundo a fé de vocês” ou “conforme a vossa fé” significa “em resposta à fé de vocês”, não segundo a medida ou proporcionalmente à fé, como bem percebem Carson¹⁵⁸ e Blomberg¹⁵⁹

O ritual de cura se dá pelo toque nos olhos dos cegos e pela palavra do Messias. O milagre acontece no ambiente privado da casa que permitiria a manutenção do sigilo.¹⁶⁰ Esse interesse no sigilo é respaldado pela severa advertência que se segue, exigindo, enfática e duramente, a não divulgação do milagre.

A cura divina não visou propaganda. Jesus entendeu que os fiéis não deviam ser mobilizados pela procura de milagreiros, mas pelo núcleo da mensagem do Evangelho, o arrependimento e a chegada do Reino de Deus.

As pessoas cegas estavam impedidas de experimentar a vida em sua plenitude. Estavam incapacitadas para o trabalho, normalmente relegadas à marginalização, sobrevivendo de esmolas.

A pessoa curada é reabilitada para funcionalidade de uma vida plena, apta a produzir seu próprio sustento, integrar produtivamente a comunidade e gozar, com todos os seus sentidos, a vida que Deus lhe deu. Da comunidade é retirada uma carga e reabastecida com a força de mais um elemento, pela sua reintegração social.

¹⁵⁶ BRUCE, 2009, p. 1568.

¹⁵⁷ CHAMPLIN, Russell N. **O Novo Testamento Interpretado**: versículo por versículo – Artigos Introdutórios Mateus Marcos. São Paulo: Candeia, 1995. p. 355.

¹⁵⁸ CARSON, 2011, p. 280.

¹⁵⁹ BLOMBERG, 1992, p. 163.

¹⁶⁰ FRANCE, 2007, n.p.

Para o cristianismo temos a reafirmação da compaixão como força motriz das boas obras da igreja. A pessoa cristã não pode se furtrar ao apelo sincero e cheio de esperança do necessitado.

4.2.2 O cego de Betsaida - Mc 8.22-26

Essa cura é descrita apenas pelo evangelista Marcos e conta o episódio em que Jesus, em Betsaida, é abordado por algumas pessoas trazendo um cego, interessadas na cura do mesmo pelo seu toque. Jesus conduz o cego para fora da vila e, por meio de um ritual em duas etapas, cura-o gradualmente em duas etapas e faz orientações de retornar diretamente para casa e não ir à vila.¹⁶¹

Semelhanças com a cura do surdo-mudo de Decápolis, tem levantado propostas de que são duplicações do mesmo evento como comenta Charles E. B. Cranfield a respeito de Rudolf Bultmann¹⁶². Já Champlin entende o contrário.

Em ambos os casos, a pessoa a ser curada foi trazida a fim de ser tocada ou a fim de que Jesus lhe impusesse as mãos. Em ambos os casos, Jesus levou a pessoa para longe da multidão. Em ambos os casos, o Senhor empregou saliva. Por essas razões, alguns estudiosos têm chegado a pensar que na realidade a narrativa é apenas uma, e que duas versões da mesma chegaram até nós, uma delas envolvendo um surdo-mudo, e a outra envolvendo um cego. Todavia, existem diferenças que distinguem as duas ocorrências, especialmente as localizações geográficas, porquanto o primeiro caso (do capítulo sétimo) teve lugar no território geral de Decápolis, ao passo que este segundo caso é definitivamente localizado em Betsaida.¹⁶³

A despeito da lide, como já afirmado, assumimos uma exegese fundada no método histórico gramatical e com fundamento fidedignidade das Escrituras, admitindo que os textos fazem menção a dois eventos milagrosos distintos.

Nessa perícopes temos um cego que é trazido por terceiros. Não fica claro se a pedido do cego ou não, mas está implícito que o desejo dos terceiros pela cura daquele deficiente é o que, na prática, permitiu o milagre. O episódio mostra que a fé pode assumir uma função vicária, ou seja, ela pode vir em benefício de terceiros. A escolha do doente ocorreu pela demanda, mas de terceiros interessados.

¹⁶¹ BÍBLIA de Referência Thompson, 2010, p. 913.

¹⁶² CRANFIELD, 2005, p. 263.

¹⁶³ CHAMPLIN, 1995, p. 728.

O ritual para a realização da cura se deu pelo toque e pela aplicação de saliva no órgão afetado pela doença. Estes dois elementos têm respaldo na cultura judaica e em outras passagens dos evangelhos.¹⁶⁴

Embora tenha outro propósito no Antigo Testamento, a imposição de mão está sedimentada no campo da intermediação espiritual/carnal, sagrado/secular.

Os dois propósitos básicos da imposição de mãos na antiga aliança eram para transferir, quer pessoas quer animais, do profano para o sagrado ao consagrá-los a Deus. No entanto, quando Jesus impõe as mãos nas pessoas o efeito é exatamente oposto, pois o profano não é mais elevado ao sagrado, como acontece no Antigo Testamento, mas, antes, Jesus traz o sagrado ao profano ao conceder a presença curadora e santa de Deus às pessoas comuns, medíocres e até mesmo pecadoras.¹⁶⁵

William L. Lane ressalta que a sequência desta perícopé tem três elementos exclusivos, que não se repetem em nenhuma outra passagem dos sinóticos: o questionamento de Jesus ao cego se já podia ver; o fato de a cura ter ocorrido, até ali, de forma parcial e o segundo toque para a cura completa.¹⁶⁶ As exceções, via de regra, são eivadas de sentido, de significado, e Edwards aponta para o fato de a pergunta atípica apontar para os questionamentos da passagem anterior, em que os discípulos são arguidos pela sua pouca fé e incompreensão.

Em um milagre, Jesus em geral profere uma palavra autoritativa ou faz algum pronunciamento. Aqui, no entanto, ele faz uma pergunta: “Você está vendo alguma coisa?” (v.23). Essa pergunta singular se assemelha a um eco das perguntas suplicantes que Jesus fez aos discípulos na história anterior, em que a primeira delas foi: “Ainda não compreendem nem percebem?” (8.17)... A cura em dois estágios no presente milagre, portanto, sugere um processo de revelação — tanto para os discípulos, conforme suspeitamos, quanto para o homem cego em Betsaida.¹⁶⁷

Em respeito às outras duas exceções arguidas por Lane, a parcialidade da primeira etapa da cura, várias causas são arguidas. Fraqueza da fé do cego é levantada por Bruce, o que não é coerente com o fato de que sequer tenha sido a fé do cego a motivar a busca por Jesus, mas sim a fé dos terceiros que o levaram.¹⁶⁸

Champlin advoga a existência não excepcional de curas parciais ou graduais, mas não determina a causa e nem apresenta fundamentação bíblica consistente para

¹⁶⁴ LANE, William L. **The Gospel of Mark**. Cambridge: William Eerdmans Publishing Company, 1974. E-book. n.p.

¹⁶⁵ EDWARDS, 2018, p. 309.

¹⁶⁶ LANE, 1974, n.p.

¹⁶⁷ EDWARDS, 2018, p. 309-310.

¹⁶⁸ BRUCE, 2009, p. 1616.

essa conclusão.¹⁶⁹ Pela posição da passagem em sequência ao texto da cegueira espiritual dos discípulos de Jesus, somos levados a perceber que a cura divina gradual tem uma função educativa, conforme o entendimento de Davidson.

Os discípulos eram naquele tempo comparáveis ao cego na primeira fase de cura. E aqui brilham os raios de esperança. Toda a obra de Cristo é completa, e só a perfeição O satisfaz. Aquele que começou a boa obra há de completá-la. Brevemente, pelo segundo toque do Seu Espírito em Pentecoste, eles verão todas as coisas nitidamente.¹⁷⁰

France concorda com ele ao dizer que a intenção simbólica da cura em etapas rememora a cura da cegueira espiritual gradual dos discípulos.¹⁷¹ Edwards faz a mesma interpretação:

Ênfase de Marcos na visão no presente milagre em oposição à ênfase na cegueira e falta de compreensão na história anterior (8.14-21). A justaposição das duas histórias é um indício de que a cegueira prolongada dos discípulos também pode ser aliviada, com o aconteceu com a cegueira do homem em Betsaida, pelo toque contínuo de Jesus.¹⁷²

Porém, após o segundo toque, a cura completa-se sem defeito, pois a cura divina deve ser completa e perfeita. Por fim, chama a atenção o fato de Jesus ter levado o cego para fora da vila e orientado um retorno direto ao lar, sem sequer passar naquela aldeia. Champlin entende que “A intenção óbvia deste versículo é deixar claro que Jesus queria que o milagre fosse mantido em segredo; e isto serve de outra prova de que Jesus rejeitava a aura da fama e da ostentação.”¹⁷³

A cura divina foge da publicidade milagreira, é avessa ao orgulho, à ostentação, fugindo de caçadores de milagres. O cego volta a enxergar completamente e perfeitamente. Assim como os demais cegos, recupera sua capacidade de experimentar o mundo plenamente, além de recobrar sua funcionalidade.

É simbólico o fato de que antes da cura o cego era levado à presença de Jesus por terceiros, para fora da vila por Jesus; agora curado, o ex-cego pode voltar para casa por si só. A cura divina devolve a capacidade e funcionalidade do curado.

¹⁶⁹ CHAMPLIN, 1995, p. 729.

¹⁷⁰ DAVIDSON, 1995, n.p.

¹⁷¹ FRANCE, 2002. p. 322.

¹⁷² EDWARDS, 2018, p. 307.

¹⁷³ CHAMPLIN, 1995, p. 729.

A comunidade volta a gozar da participação produtiva do ex-cego, ele deixa de ser um peso para ser uma força dentro da sociedade, além da lição de iluminação progressiva aos seguidores de Jesus a abrir gradualmente os olhos da fé. Para o Cristianismo restou a promessa da clareza vindoura, efetivada no Pentecostes e usufruída até hoje.

4.2.3 O cego de nascença - João 9.1-12

Nesta passagem do Evangelho de João é apresentado o episódio em que Jesus encontra um cego de nascença, ocasião em que é questionado a respeito da causa do sofrimento padecido por aquele doente. O Messias esclarece a motivação daquela condição, declara-se a Luz do mundo e alerta para a urgência da obra cristã. Em seguida, por meio de um ritual, o cego é curado.¹⁷⁴

Essa perícopete tem alta relevância ao abordar diversos temas importantes, como a causa do sofrimento humano, mas deteremos a nossa análise aos elementos caracterizadores do milagre de cura. Aqui temos a escolha do curado partindo exclusivamente de Cristo. Não há participação do curado ou de terceiros para a demanda do milagre. Soberanamente, é o Messias que decide.

Herman N. Ridderbos enfatiza que a iniciativa parte de Jesus e que não há nenhum indício de contatos prévios ou preliminares,¹⁷⁵ Leon Morris acrescenta que não há solicitação prévia nem do cego nem da parte de ninguém.¹⁷⁶ Após a escolha do doente a ser curado, é estipulada uma tarefa para o mesmo, que é adimplida. Porém, como afirma Carson, o poder vem de Jesus, não da ação do cego.

A iniciativa é completamente de Jesus. Depois, o homem (que, é claro, ainda não viu Jesus) obedece e se lava, e volta vendo. Os leitores de João sabem que, embora a cura seja tão completa quanto a obediência do homem cego, o poder em si não veio da obediência, nem de um tanque chamado o 'Enviado', mas do próprio 'Enviado'.¹⁷⁷

A cura divina se deu por meio de um ritual realizado em etapas. Primeiramente Jesus cuspiu na terra, misturou os elementos formando um lodo, aplicou-os nos olhos

¹⁷⁴ BÍBLIA de Referência Thompson, 2010, p. 970.

¹⁷⁵ RIDDERBOS, Herman N. **The Gospel According to John**: a theological commentary. Cambridge: William Eerdmans Publishing Company, 1997. E-book. n.p.

¹⁷⁶ MORRIS, Leon. **The Gospel According to John**. Cambridge: William Eerdmans Publishing Company, 1995. E-book. n.p.

¹⁷⁷ CARSON, Donald A. **O Comentário de João**. São Paulo: Shedd Publicações, 2007. p. 366.

do cego, deu um comando para que se lavasse no tanque de Siloé e, então, milagre ocorreu. Morris questiona o porquê do barro, da saliva, do tanque, e posiciona-se.

Questões surgem como “por que barro?” “Por que cuspe?” “Por que lavar em Siloé?” Na maioria das curas que Jesus realizou esse tipo de coisas não são mencionadas. É sabido que o mundo antigo frequentemente atribuiu poderes curativos à saliva. E isso pode ter ajudado esse homem em particular a ter algo a fazer ele mesmo. Mas em qualquer caso Jesus executou suas curas com mão soberana, e ele não pode se limitado por regras procedimentais. Ele curou como quis.¹⁷⁸

Essa crença nos poderes curativos da saliva é confirmada na cultura judaica. Champlin afirma que “a *Mishnah* menciona essa prática da aplicação de lodo, preparado com argila e saliva, a olhos enfermos.”¹⁷⁹ O comentarista Carson tenta estabelecer um sentido para um possível valor simbólico curativo da saliva.

Sangue e saliva contaminam, mas, no contexto certo, o sangue purifica, e a saliva cura. Certamente, a impureza, no Antigo Testamento, pode ser transmitida pela saliva (Lv 15.8). Se o reverso dos tabus também se aplica (e aqui a evidência é admitidamente escassa), então Jesus, ao usar o cuspe como parte de seu tratamento, faz uma declaração de ter autoridade religiosa.¹⁸⁰

Ora, se a fonte contaminada poderia contaminar com o toque, o sangue ou a saliva, é simbólico que a santificação ou a bênção divina também possa ser transmitida quando a fonte é santa. Outro ponto a ser compreendido é o uso do tanque de Siloé. Não passa despercebida a atenção do evangelista em apresentar o significado do tanque, “Enviado”.

Herman Ridderbos conclui que a alegoria entre Jesus, o Messias, o Enviado de Deus e o tanque de Siloé são intencionalmente indicadas por João, para que a cura após a limpeza naquelas águas representasse uma cura vinda do Messias.¹⁸¹ Desta feita, o ritual empregado, bem como os instrumentos utilizados no ritual, não tem poder em si, ou seja, se replicados por nós hoje não garantirão a cura, mas são cheios de significado.

¹⁷⁸ MORRIS, 1995, n.p. “Questions arise like “Why clay?” “Why spittle?” “Why wash in Siloam?” In most other cures that Jesus wrought such things are not mentioned. It is known that the ancient world often attributed curative powers to saliva. And it may have helped this particular man to have something that he might do himself. But in any case Jesus performed his cures with sovereign hand, and he cannot be limited by rules of procedure. He healed how he willed.” (tradução nossa).

¹⁷⁹ CHAMPLIN, 1995, p. 427.

¹⁸⁰ CARSON, 2007, p. 365.

¹⁸¹ RIDDERBOS, 1997, n.p.

O indivíduo era cego, marginalizado, um mendigo a viver da caridade dos outros. A cura trouxe um recomeço abastecido de tamanha transformação, que seus antigos conhecidos chegaram a dizer que não o reconheciam mais.

Além das mudanças externas, para o sujeito curado, ocorre uma mudança interna ainda mais importante: nasce uma fé inabalável. A fé não foi o substrato para a cura, mas uma consequência privada dela. Conforme Bruce comenta, a cura foi um testemunho a respeito de Cristo para aquele ex-cego.

Uma coisa sei: Obstinadamente o homem se recusa a ser coagido a abrir mão dos fatos em si. Eles podem saber a teologia deles, mas ele conhece sua cura. No final das contas, qual é mais aceitável? A restauração da vista não resolveu todos os seus problemas, mas sua nova vida é inquestionável. Assim, o exame cruzado a que o submetem não o abala.¹⁸²

Para a comunidade da época, além da reintegração funcional do ex-cego, temos um forte sinal de validação da messianidade de Jesus de difícil refutação: um cego de nascença, conhecido localmente, voltara a ver.

Pelos informes históricos ficamos sabendo que a área do templo contava com um número excessivo de pedintes, e é fora de dúvida que aquele homem se tornara bem conhecido por todos que costumavam entrar e sair do templo; isso serve de salvaguarda contra qualquer fraude ou falsa identificação. Foi aquele esmoleiro bem conhecido, cego de nascença, e não outro, que Jesus viu e curou. Assim ficou autenticada uma cura notável, que se tornou um vexame para as autoridades religiosas dos judeus, espiritualmente cegos como eram.¹⁸³

Para o cristianismo permanece a refutação da associação direta fixa entre o sofrimento humano e o pecado particular, além de reforçar a urgência no trabalho cristão e o estímulo à caridade, não só aos fiéis, mas a todos aqueles que necessitem.

4.2.4 O cego de Jericó - Mt 20.29-34; Mc 10.46-52 e Lc 18.35-43

Temos aqui três passagens que muitos exegetas consideram como versões distintas de um mesmo episódio. Não é fácil harmonizar algumas diferenças entre os textos: enquanto Mateus menciona dois cegos, Marcos e Lucas se referem a apenas um; enquanto Lucas afirma que o episódio ocorreu ao aproximarem-se de Jericó, Mateus e Marcos concordam que ele ocorreu ao sair de lá; Mateus informa que Jesus

¹⁸² BRUCE, 2009, p. 1729.

¹⁸³ CHAMPLIN, 1995, p. 423.

executou a cura por meio do toque, enquanto em Marcos e Lucas temos apenas a sua palavra.¹⁸⁴

Uma vez que os elementos de análise são semelhantes, iremos abordar as três passagens em conjunto, mas sem adentrar na discussão exegética da harmonização dos evangelhos.

As perícopes apresentam Jesus de passagem por Jericó, a caminho de Jerusalém, ocasião em que foi abordado por um cego (ou dois), que insistentemente lhe clamou por misericórdia, até que foi atendido. O cego foi questionado por Jesus sobre seu desejo e, ao responder, foi curado de sua cegueira. Os três evangelistas apresentam um doente que ativamente aciona o Messias em busca da cura, ou seja, a escolha do sujeito curado se dá pela demanda apresentada pelo próprio doente.

Analisando o operador de milagres, Keener repara que a motivação última de Jesus para realização dessa cura divina é a compaixão¹⁸⁵: o milagreiro não pode ser insensível ao sofrimento, como Champlin repara em Cristo.

O leitor deve procurar observar por quantas vezes os evangelhos dizem que Jesus teve compaixão das pessoas. (Como exemplo disso servem Mat. 9:36; 14:14; 15:32; só nesse evangelho). Jesus possuía o verdadeiro espírito humanitário, e essa compaixão se estendia para muito além do círculo de seus próprios discípulos. Jesus compreendia a desgraça humana, e nunca se mostrou insensível para com a mesma.¹⁸⁶

A compaixão de Cristo é ressaltada na prioridade que Jesus concede à dor de um (ou dois) simples mendigo, contra as expectativas de uma grande multidão, como bem percebe France.

Jesus parar entre uma multidão tão grande, em movimento, para responder à solicitação de dois indivíduos insignificantes ilustra novamente os valores não convencionais do reino do céu, em que o bem de um “pequeno” tem precedência, e cuja compaixão triunfa sobre as expectativas dos muitos.¹⁸⁷

Mesmo quando o milagre redundará em fama, a atitude de Jesus não é voltada ao interesse da audiência. Não temos aqui um trabalho publicitário, temos a fidelidades aos ditames do reino de Deus. Champlin diz ainda que “os homens buscam

¹⁸⁴ BÍBLIA de Referência Thompson, 2010, p. 892, 916 e 950.

¹⁸⁵ KEENER, 1999, n.p.

¹⁸⁶ CHAMPLIN, 1995, p. 507.

¹⁸⁷ FRANCE, 2007, n.p. “*That Jesus stopped among such a large, moving crowd to respond to the request of two insignificant individuals illustrates again the unconventional values of the kingdom of heaven, in which the good of a “little one” takes precedence, and in which compassion triumphs over the expectations of the many*” (tradução nossa).

a multidão, a vantagem nas glórias pessoais, a segurança de fazer parte de algo grande. Em contraste, Jesus parou e se inclinou para ajudar um pobre homem.”¹⁸⁸

Analisando o curado, percebe-se que ele padecia de uma condição incurável para a medicina da época, tornando-se dependência de outros até para descobrir o que se passava ao seu redor. Mas ao identificar a proximidade daquele que tinha poder para curá-lo, agiu com prontidão, correndo atrás do milagre.¹⁸⁹

Outro ponto importante em relação ao curado é sua atitude frente às dificuldades de acessar a fonte da cura: ao ser impedido pela multidão, manteve confiança e perseverança. Sobre isso Green comenta:

Em vez de comportar-se como o desamparado e sem esperança em face da oposição daqueles de status superior, ele persiste em seu choro por socorro, até mesmo aumentando o volume de seu apelo. Tão grande é sua confiança que ele entende corretamente o significado da chegada de Jesus de Nazaré ao longo de sua estrada.¹⁹⁰

Edwards ressalta a diferença entre a motivação da multidão e de Jesus.

A multidão (e não Jesus), pela primeira vez em Marcos, tenta silenciar alguém. Contudo, o motivo da multidão é bem diferente das injunções de Jesus para o silenciar: Jesus quer impedir que as pessoas tenham confissões prematuras e falsas, ao passo que a multidão quer impedir as pessoas de virem a Jesus (cf. 10.13). Todavia, nada pode silenciar Bartimeu; na verdade, a oposição só alimenta a chama de sua persistência.¹⁹¹

A respeito do ritual empregado na cura, temos o uso exclusivo da palavra em duas das passagens, complementado pelo toque nos olhos em Mateus, sem nenhuma caracterização mística, aparentando apenas gesto de contato humano significativo para a relação de compaixão estabelecida. A cura divina é completa e imediata.

O cego curado, além de ser reabilitado para uma vida funcionalmente plena, é alocado de forma diferente de outros relatos miraculosos de cura. Ao invés de ser reintegrado à comunidade em que ele estava, ele é incorporado ao grupo de seguidores de Jesus. Edwards afirma que “Jesus transformou Bartimeu de um mendigo à beira da estrada (v. 46) a um discípulo no caminho (v. 52).”¹⁹² A multidão

¹⁸⁸ CHAMPLIN, 1995, p. 754.

¹⁸⁹ CHAMPLIN, 1995, p. 754.

¹⁹⁰ GREEN, 1998, n.p. “*Rather than comport himself as the helpless and hopeless in the face of opposition from those of superior status, he persists in his cries for help, even increasing the volume of his plea. Such is his confidence that he has understood correctly the significance of the arrival of Jesus of Nazareth along his roadside.*” (tradução nossa).

¹⁹¹ EDWARDS, 2018, p. 412.

¹⁹² EDWARDS, 2018, p. 413.

de peregrinos para a Páscoa em Jerusalém tem uma aclamação messiânica de Jesus sendo correspondida com um milagre impressionante, aos olhos de todos. Em pouco tempo ocorreu a entrada triunfal de Jesus na capital.

Para o cristianismo temos outro exemplo de amor e cuidado para com o marginalizado, ilustrando o modelo de prioridades fundado em um paradigma diferente do paradigma corrente das relações sociais usuais.

4.3 PARALÍTICOS

O ser humano relaciona-se com o mundo em que está inserido captando as informações por meio de seus órgãos sensitivos e atuando por meio de um multissistema complexo composto por músculos, tendões, ligamentos, ossos, articulações e nervos, todos sob o comando neurológico central (com exceção dos arcos reflexos já citados nesse trabalho).

Juntos, eles promovem a movimentação articulada dos nossos membros que, por sua vez, vão executar o transporte do nosso corpo, bem como as ações manuais. Sem o sistema locomotor, além de estarmos impedidos de nos mover por nós mesmos, estamos impossibilitados para o exercício da pintura, música, esportes, reprodução ou mesmo da própria alimentação.

Paralítico é a denominação geral daquele que apresenta alguma disfunção locomotora, que pode ser congênita como a paralisia cerebral, secundária a traumas como uma secção raquimedular, infecciosa como uma encefalite, vascular como um acidente vascular encefálico ou degenerativa como a esclerose lateral amiotrófica.

Para um indivíduo inserido em uma região pobre, subjugada por um império estrangeiro explorador, em uma época em que não existiam políticas de defesa e proteção dos excluídos como atualmente, a realidade do paralítico era de severa exclusão social e sofrimento, com uma condição virtualmente incurável para a medicina da época.

4.3.1 Paralítico em Cafarnaum - Mt 9.1-8; Mc 2.1-12 e Lc 5.17-26

Esse milagre é retratado por três evangelhos e apresenta o episódio em que quatro homens, impedidos de levar seu amigo paralítico à presença de Jesus por uma

multidão aglomerada à porta da casa em que se encontrava, subiram no eirado, descobriram o telhado e desceram o parálítico em seu leito na presença de Cristo.

Frente à fé deles, Jesus perdoa os pecados do doente e é repreendido em pensamento por religiosos que consideravam blasfêmia a atitude de perdoar pecados, ato que caberia apenas a Deus. Jesus, como prova visível do seu poder para perdoar pecados, cura a paralisia daquele homem, que sai andando e carregando seu leito daquele lugar.¹⁹³

Temos aqui mais um exemplo de doente trazido por terceiros e, novamente, não fica claro se a pedido do mesmo ou não, mas fica implícito que o desejo dos terceiros pela cura daquele deficiente é o que possibilitou toda a situação. A escolha do doente ocorreu pela demanda, mas de terceiros interessados. O operador de milagre não fica impassível a uma demonstração significativa de fé, reconhece o esforço e retribui, concedendo perdão e cura.

Champlin nota que “o texto também parece implicar que a fé exercida não era a do próprio enfermo, e sim daqueles que o transportavam.”¹⁹⁴ Os amigos que traziam o companheiro parálítico são os detentores da fé mobilizadora do favor celestial, embora não se possa excluir que o próprio parálítico também estivesse movido por sua fé.

Destaca-se a firmeza e perseverança da fé destes amigos, pois, nas palavras de Edwards “se não é possível encontrar uma abertura para Jesus, então é preciso fazer uma. Essa é a descrição de fé: ela removerá qualquer obstáculo — até mesmo um telhado, se necessário — para chegar até Jesus.”¹⁹⁵ A fé que promove a cura divina é inabalável, não se curva nem se intimida.

O ritual do milagre se dá pelo simples comando verbal de Jesus, concretizando-se de forma imediata e completa. Segundo Stein, essa instantaneidade é enfatizada no texto para emoldurar o típico resultado da obra miraculosa de Jesus.¹⁹⁶

Para a pessoa curada, temos a reabilitação funcional, material e espiritual. Libertado do cativeiro da doença, ela pode levantar-se, tomar seu leito e ir, ao mesmo tempo em que, perdoada de seus pecados, está reabilitada à possibilidade de plena

¹⁹³ BÍBLIA de Referência Thompson, 2010, p. 878, 905 e 931.

¹⁹⁴ CHAMPLIN, 1995, p. 348.

¹⁹⁵ EDWARDS, 2018, p. 110.

¹⁹⁶ STEIN, 1992, p.178.

adoração cultural. Ao conceder perdão e cura ao parálítico, o texto é um claro testemunho de que Jesus se preocupa com o bem-estar integral do ser humano.

Para a comunidade presente, o milagre é um forte testemunho a favor da autoridade de perdoar pecados detida por Jesus. É exatamente com esse intuito que a cura do parálítico se desenvolve como apresentada no texto. Carson comenta que “para que eles soubessem que tinha autoridade para perdoar o pecado, ele prosseguiu na tarefa mais fácil. Portanto, a cura mostrou que Jesus tinha verdadeiramente autoridade para perdoar pecados.”¹⁹⁷

Champlin compreende que esse utilitarismo retórico do milagre tem fundamento, pois “aquele que passou por uma experiência, tem vantagem sobre aquele que tem apenas um argumento. Essa experiência, uma cura poderosa, faz pender o argumento em favor do fato de que Jesus pode perdoar pecados.”¹⁹⁸

Para a religião, restou um dos textos base para a Teologia da Trindade, central para a fé cristã e para a divisão entre Judaísmo e Cristianismo. Se só há um Deus e apenas Deus tem autoridade para perdoar pecados, o Messias dando provas de que fala a verdade quando perdoa pecados, dá provas de sua Divindade em unidade com o Pai.

4.3.2 Parálítico em Betesda - Jo 5.1-9

A passagem reportada pelo Evangelho de João conta sobre o encontro entre Jesus e um homem que estava doente há trinta e oito anos com dificuldade de locomoção. O encontro ocorreu junto ao tanque de Betesda, reconhecido por ser um local de cura para o primeiro que se banhasse em suas águas após agitadas por um ser espiritual, mas que nunca havia atendido às necessidades daquele homem em virtude da sua lentidão secundária devido a seu problema de locomoção.¹⁹⁹

O texto não explica qual a etiologia da dificuldade locomotora daquele sujeito. Apenas sabemos que a doença lhe afetava a locomoção e já o fustigava há décadas, em contínua frustração.

¹⁹⁷ CARSON, 2011, p. 268.

¹⁹⁸ CHAMPLIN, 1995, p. 687.

¹⁹⁹ BÍBLIA de Referência Thompson, 2010, p. 964.

Aqui temos outro exemplo em que escolha pela cura parte exclusivamente de Jesus, não do doente ou de terceiros interessados. Na verdade, o doente estava procurando outros meios para obter sua cura há muito tempo. Carson, comparando dois milagres de cura de paráliticos, afirma:

De forma distinta da do parálítico em Marcos 2.1-12, que é baixado em frente de Jesus através de um buraco no teto, esse é escolhido por Jesus em meio a muitos outros inválidos. A iniciativa soberana está com Jesus; nenhum motivo é dado para sua escolha.²⁰⁰

O doente tem uma fé consistente que o motiva a permanecer por anos em sua busca, mesmo enfrentando sucessivos fracassos, mesmo percebendo que com seus meios ele continuaria falhando em seu intento de jogar-se nas águas curativas do tanque. Mesmo com tudo isso, ele continuava ali, ele não havia desistido. Ainda segundo Carson, “a profundidade de seu desejo de cura pode ser medida por sua presença persistente junto ao tanque quando as águas eram agitadas, mesmo que ele não tivesse nenhum amigo chegado que pudesse garantir que ele fosse o primeiro a entrar na água.”²⁰¹

Apesar da fé na cura não apontar para Jesus, o Messias ativamente aborda o homem, questionando-o a respeito do seu interesse em ser curado. Mesmo após a pergunta, notamos que a fé não migra explicitamente do tanque para Cristo, pois o doente apenas justifica o motivo de seu fracasso até o momento, sem solicitar ajuda pelo poder do próprio Jesus, que sequer sabia de quem se tratava, segundo Morris.²⁰²

O ritual empregado para o milagre utilizou apenas o comando verbal de Cristo, seguido de uma cura eficiente, imediata e completa. No final do texto não temos mais um aleijado carregado sobre um leito, mas um homem capaz que carrega seu leito, como bem comenta Ridderboss.²⁰³

A cura do homem no tanque de Betesda trouxe as boas consequências materiais de reintegração social pelo retorno de sua funcionalidade laboral, porém essa dádiva não veio acompanhada de mudança espiritual. A sequência do texto mostra que o homem sequer sabia quem lhe curou. Quando sofreu represália dos

²⁰⁰ CARSON, 2007, p. 244.

²⁰¹ CARSON, 2007, p. 244.

²⁰² MORRIS, 1995, n.p.

²⁰³ RIDDERBOS, 1997, n.p.

religiosos pela cura no Sábado, eximiu-se da culpa, dizendo ter obedecido alguém. Ao descobrir que seu benfeitor era Jesus, acusou-o às autoridades.

A consequência naquela comunidade foi a intensificação da oposição religiosa ao ministério de Jesus, além da representação de eficácia do poder de Cristo frente a outros meios de cura acreditados naquela época. Ao Cristianismo, temos o reforço da cisão com o legalismo judaico, uma das causas centrais para a emancipação religiosa futura.

4.3.3 O servo do centurião - Mt 8.5-13 e Lc 7.1-10

Marcos e Lucas apresentam o episódio em que um Centurião residente em Cafarnaum, que contava com grande estima da comunidade local, estava com o servo acamado, paralítico, à beira da morte.

O centurião pede socorro a Jesus, demonstrando imensa humildade e fé ao entender que não seria necessária a visita de Jesus, pois o Messias poderia executar a cura a distância pelo simples comando, atitude bem apropriada tendo em vista a sua indignidade. Jesus então determinou a cura, que foi adimplida. Parte do centurião a iniciativa de procurar Jesus para socorrer seu servo, pessoalmente ou por meio de representantes. De toda forma todos agem visando a cura do servo doente, que talvez sequer saiba da busca por Cristo. A escolha do doente ocorreu pela demanda, mas de terceiros interessados.

O papel da fé do doente é irrelevante nessa passagem, mas, de forma oposta, a fé do terceiro intercessor, do centurião, é digna de nota, causando franca admiração em Jesus. A fé que dispensa ritual é exemplar e guia a execução desse milagre à distância.

Fé verdadeira percebe que Deus pode curar sem rituais, unções especiais, toque, ou presentes monetários àquele que cura. O centurião reconheceu que tudo que Jesus precisava dizer era uma única palavra. Sua fé em Jesus era absoluta e sem limites. Mesmo uma pequena palavra do Senhor falada a distância poderia curar seu servo, pois o Espírito do Senhor estava presente em Jesus para curar.²⁰⁴

²⁰⁴ STEIN, 1992, p. 220. "True faith realizes that God can heal apart from rituals, special ointments. Touch, or monetary gifts to the healer. The centurion recognized that all Jesus needed to say was a single word. His faith in Jesus was absolute and unlimited. Even a single word from the Lord spoken at a distance could heal his servant, for the Spirit of the Lord was present with Jesus to heal" (tradução nossa).

Pois assim como o centurião representava o imperador, Jesus representava Deus:

Exatamente por Jesus estar sob a autoridade de Deus, ele estava investido da autoridade de Deus de forma que quando Jesus falava, Deus falava. Desafiar a Jesus, era desafiar a Deus; por isso, a palavra de Jesus deve estar investida da autoridade de Deus para poder curar o doente. Essa analogia, embora não seja perfeita, revela uma fé impressionante que reconhece que Jesus não precisava de ritual, de mágica nem de nenhuma outra ajuda; sua autoridade era a autoridade de Deus, e sua palavra era eficaz porque era a palavra de Deus.²⁰⁵

O ritual então se dá apenas com o comando verbal do Messias a distância, com resultado imediato e completo. Para o doente, a consequência foi a recuperação da saúde e o retorno funcional à sua servidão, liberto da paralisia, da dor e da morte, já para a comunidade local, há a resposta miraculosa à fé do centurião, abençoando o estrangeiro abençoador daquela comunidade, que agora, com a fé reabastecida, poderá atuar ainda mais.

O Centurião achava-se indigno para receber Jesus, talvez pela visão conhecida do Judaísmo ortodoxo em relação à sua raça e ligação com o império opressor.²⁰⁶ Agora, pelo seu exemplo, o Cristianismo subsidiou seu forte caráter expansionista, dirigindo-se não só a judeus, mas também a gentios, capazes de exemplares modelos de fé.

Carson diz que “Jesus insiste que muitos virão dos quatro pontos da bússola e se juntarão aos patriarcas no banquete. Esses ‘muitos’ só podem ser os gentios.”²⁰⁷ Nisso ele concorda com Blomberg, para quem o centurião representa os estrangeiros convertidos na expansão futura do Cristianismo.²⁰⁸

4.4 OUTRAS CURAS

A medicina encontra uma gama de patologias deveras extensa em sua totalidade, com diversas etiologias. A saúde humana tem um equilíbrio frágil, constantemente afetado por agentes infecciosos, traumas, eventos psíquicos, mutações genéticas, desbalanços imunológicos ou deterioração progressiva habitual.

²⁰⁵ CARSON, 2011, p. 244.

²⁰⁶ BLOMBERG, 1992, p. 140.

²⁰⁷ CARSON, 2011, p. 245.

²⁰⁸ BLOMBERG, 1992, p. 142.

Jesus vem proclamar o Reino de Deus, comprovando-se como o Messias por meio de sinais maravilhosos representativos desse reino de perfeição e de anulação das consequências corruptoras do pecado.

As curas realizadas por Jesus não se limitaram à lepra, cegueira ou paralisia, Jesus curou toda sorte de doenças ao longo de sua vida pública. Seguem abaixo os demais milagres de cura de doenças orgânicas realizados por ele.

4.4.1 A mulher com fluxo de sangue - Mt 9.20-22; Mc 5.24-34 e Lc 8.43-48

Os Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas reportam o episódio em que Jesus, transitando apertado entre uma multidão, é tocado por uma mulher que padecia doente com uma hemorragia há doze anos.

A mulher é curada, Jesus percebe o seu toque especial e questiona quem o havia tocado. Essa mulher identifica-se, conta a verdade, e é acalmada por Jesus que lhe informa que a fé dela a havia salvado, despedindo-a em paz.²⁰⁹

A doença que acometia essa mulher apresentava-se clinicamente como uma espécie de menorragia, um sangramento transvaginal persistente, no caso bíblico em estudo, de evolução insidiosa, já transcorrendo doze anos de continuidade. As etiologias da menorragia são diversas: os miomas uterinos, infecções uterinas, pólipos uterinos, hipotrofias endometriais, hipertrofias endometriais, cânceres ginecológicos, entre tantas outras possibilidades.

A condição patológica de um sangramento contínuo redundava em anemia ferropriva com subsequente indisposição, fadiga, prostração, por vezes até dispneia, desmaios. Frequentemente a menorragia associa-se à dor abdominal, vômitos, além da impossibilidade de gestar, de intercurso sexual, até mesmo de higiene adequada.²¹⁰

Agrava-se ao sofrimento físico um sofrimento sociorreligioso em virtude do fato de que, pela Lei, ela estaria cerimonialmente impura, assim como tudo e todos a quem tocasse, impedida de participação religiosa e impedida do convívio em

²⁰⁹ BÍBLIA de Referência Thompson, 2010, p. 879, 909 e 937.

²¹⁰ HOFFMAN, Barbara L. et al. **Ginecologia de Williams**. 2. ed. Porto Alegre: AMGH, 2014. p. 222ss.

sociedade. Ou seja, a mulher levava uma vida de isolamento e marginalização.²¹¹ France chama a atenção para o efeito cerimonial do toque da mulher em Jesus:

Em adição ao desconforto físico e a debilidade havia o implacável inconveniente da impureza, através do qual qualquer um que tocasse não apenas a mulher mesmo, mas também qualquer coisa que ela tocou ou se deitou tornava-se imundo. O resultado apenas poderia ser uma séria medida de restrição social. Para ela tocar até mesmo a borda do manto de Jesus arriscaria torná-lo imundo.²¹²

Essa mulher, já em tratamento há doze anos, demonstra a incapacidade da medicina da época em oferecer-lhe cura. No caso desse texto, a própria mulher doente procura Jesus em busca da cura. Ou seja, a escolha do sujeito curado se dá pela demanda apresentada pelo próprio doente. Mas essa passagem apresenta um modelo diferente dos demais, pois dá a entender um papel absolutamente passivo do operador de milagres.

Keener percebe que o desespero faz a enferma ignorar a contaminação que seu toque provocaria.²¹³ Apesar do desespero, a mulher detinha uma fé impressionante, pois, conforme afirma Champlin, ela acreditava que seria possível obter a cura, “mesmo que Jesus não tivesse conhecimento do caso.”²¹⁴

A fé da mulher hemorrágica parece um misticismo desvinculado da intenção de Jesus, focado apenas no poder do objeto tocado.²¹⁵ Essa percepção supersticiosa a moveu em busca de seu milagre.²¹⁶ A superstição não é o que torna essa passagem única, mas a forma como transcorre essa cura divina sim, em um rito que aparenta corresponder às percepções místicas dela.

A leitura aparenta introduzir a ideia de que a fé é instrumento hábil a empoderar o sujeito para tomar o poder miraculoso para si, pois Jesus relata ter seu poder “furtado” por alguém, uma compreensão mecânica do trânsito desse poder curativo possível pelo toque em associação à fé.²¹⁷

²¹¹ CHAMPLIN, 1995, p. 353.

²¹² FRANCE, 2007, n.p. “*In addition to the physical discomfort and debility there was the relentless inconvenience of impurity, whereby anyone who touched not only the woman herself but also anything she sat or lay on became unclean. The result could only be a serious measure of social restriction. For her to touch even Jesus’ cloak risked making him unclean*” (tradução nossa).

²¹³ KEENER, 1999, n.p.

²¹⁴ CHAMPLIN, 1995, p. 353.

²¹⁵ FRANCE, 2007, n.p.

²¹⁶ CARSON, 2011, p. 276.

²¹⁷ FRANCE, 2002, p. 237.

Cranfield percebe essa ideia materialista na transmissão de poderes, mas encontra uma saída teológica para o aparente misticismo.

À primeira vista parece como se o poder aqui referido é pensado como sendo algo físico e impessoal – como uma carga elétrica – que é transferida por contato automaticamente, independente da vontade de Jesus; pois ele aparentemente percebe apenas depois do evento e então não conhece a pessoa que o poder afetou. Mas não há nada aqui inconsistente com o fato de que o poder presente em, e emanando de, Jesus é o poder pessoal do Deus pessoal. Embora Jesus não faça ele mesmo a decisão (pelo menos aparentemente) neste caso, mesmo assim Deus faz. Deus controla seu próprio poder. Ele sabe sobre a mulher e deseja honrar a fé dela na eficácia de seu poder ativo em Jesus, mesmo que sua fé seja sem dúvida imperfeita e na verdade perigosamente próxima a compreensões mágicas. A cura não acontece automaticamente, mas pela livre e pessoal decisão de Deus.²¹⁸

Lane contribui com a saída proposta por Cranfield ensinando que:

Jesus possui o poder de Deus como o representante do Pai. Mesmo assim, o Pai permanece no controle de seu próprio poder. A cura da mulher ocorre através da decisão livre e graciosa de Deus para dar sobre ela o poder que estava ativo em Jesus. Por um ato de vontade soberana Deus determinou honrar a fé da mulher a despeito do fato de ser manchada com ideias que beiram a mágica.²¹⁹

Blomberg reconhece que há um ajuste, centralizado na fé, para aportar a superstição da mulher.²²⁰ Carson diz que “sua fé é que foi eficaz, não a superstição misturada a ela.”²²¹ Logo, o que temos nesse texto é a graça soberana de Deus distribuindo um milagre em resposta à fé de uma mulher, não uma receita a guiar a posse tomada dos favores celestiais.

Após sentir o poder sair de si, podemos analisar a atitude do operador de milagres, que deseja encontrar a pessoa curada, pois, segundo o comentarista

²¹⁸ CRANFIELD, 2005, p. 185. “*At first sight it might seem as if the power here referred to is thought of as being something physical and impersonal - rather like an electric charge - which is transferred by contact automatically, independently of Jesus' will; for he apparently perceives only after the event and then does not know the person whom the power has affected. But there is nothing here inconsistent with the fact that the power residing in, and issuing from, Jesus is the personal power of the personal God. Though Jesus does not himself make a decision (at least so it seems) in this case, nevertheless God does. God controls his own power. He knows about the woman and wills to honour her faith in the efficacy of his power active in Jesus, even though her faith is no doubt very imperfect and indeed dangerously near to ideas of magic. The cure does not happen automatically, but by God's free and personal decision.*”(tradução nossa).

²¹⁹ LANE, 1974, n.p. “*Jesus possesses the power of God as the representative of the Father. Nevertheless, the Father remains in control of his own power. The healing of the woman occurred through God's free and gracious decision to bestow upon her the power which was active in Jesus. By an act of sovereign will God determined to honor the woman's faith in spite of the fact that it was tinged with ideas which bordered on magic.*”(tradução nossa).

²²⁰ BLOMBERG, 1992. p. 161.

²²¹ CARSON, 2011, p. 277.

Edwards, “no Reino de Deus, o milagre leva ao encontro”²²² e, para Cranfield, a fé se desloca do tecido para o Messias que o vestia.²²³ O milagre acontece completa e instantaneamente.

A mulher hemorrágica tem sua vida de volta, pode casar-se, engravidar, conviver, cultivar, trabalhar, pode ter de volta tudo o que doze anos de gastos médicos não lhe proporcionara.

A comunidade tem reintegrado um membro e percebe a incorruptibilidade de Jesus, que não se contaminou pelo toque, mas tornou puro o que antes era impuro. O Cristianismo tem reforçado a mensagem de que as incorreções teológicas são menos importantes que a fé sincera no poder de Jesus Cristo.

4.4.2 O homem da mão ressequida - Mt 12.9-13; Mc 3.1-6; Lc 6.6-11

Três evangelistas apresentam esse episódio em que Jesus, ensinando em uma sinagoga durante o sábado, foi arguido sobre a licitude de curar no dia de descanso e, estando um homem com uma deficiência em sua mão direita presente, o Messias convocou-o a se apresentar à vista de todos.

Jesus argumenta, com perguntas retóricas, sobre a correção de se fazer o bem no sábado, exemplificando com práticas costumeiras aceitas pela comunidade da época. Na sequência, promove a cura daquele doente com um comando verbal, obedecido por ele.

Os fariseus e herodianos, revoltados com a atitude e popularidade de Jesus decidem arquitetar planos visando sua morte.²²⁴ France argumenta que o termo grego para mão pode representar o membro todo, o que faria a própria capacidade de obedecer ao comando de Jesus a prova da cura,²²⁵ opinião também apresentada por Cranfield.²²⁶

A mão ressequida, ou mão atrofiada, faz menção à hipotrofia musculoesquelética do membro afetado. Essa hipotrofia pode ser congênita como a meromelia ou adquirida, como as secundárias à poliomielite, acidentes vasculares

²²² EDWARDS, 2018, p. 217.

²²³ CRANFIELD, 2005. p. 185.

²²⁴ BÍBLIA de Referência Thompson, 2010, p. 882, 906 e 932.

²²⁵ FRANCE, 2013, n.p.

²²⁶ CRANFIELD, 2005, p. 121-122.

cerebrais ou traumas que promovam a paralisia do membro. A atrofia de membro é, ainda hoje, uma condição de cura praticamente além das possibilidades da medicina.

A escolha do curado parte exclusivamente de Cristo, que percebe a presença do doente e decide ajudá-lo.²²⁷ A escolha não parte do doente ou de terceiros interessados.

A fé do homem da mão ressequida não ocupa posição causal para a concretização do milagre, mas ela é percebida na análise do texto. Edwards destaca a obediência pública ao comando de Jesus, confirmando que “a fé não é uma aposta particular e privada, mas um risco público de que Jesus é digno de confiança quando não se pode confiar em nenhuma outra esperança.”²²⁸

Champlin dimensiona em grande monta a fé do curado em uma possível reconstituição dos fatos.

O homem, ainda que com receio das autoridades, queria muito ser curado, e assim também deve ter tomado abertamente o lado de Jesus, porquanto assim poderia obter a cura. Já sabia que aquelas autoridades religiosas, a despeito de suas pretensões religiosas, como se tivessem relações especiais com Deus, não eram capazes de aliviar sua condição em qualquer grau. Embora talvez se tivesse mostrado hesitante, grande foi a sua fé. Cria nas narrativas que já ouvira sobre Jesus e talvez até tivesse visto alguns de seus notáveis milagres. A excitação se intensificou quando Jesus baixou a ordem: *Estende a tua mão*. Silêncio total reinou na sala. Todos olhavam atentamente. A mão ressequida está estendida, e ao mesmo tempo muda totalmente de aparência. O homem move os dedos com um grito de louvor a Deus. Seu rosto se ilumina de alegria.²²⁹

A motivação do operador da cura é movida em parte pela compaixão e em parte pela necessidade de ensinar a audiência presente com aquele evento miraculoso. No que tange à compaixão de Cristo, Edwards elabora um pilar da prática cristã: o bem como imperativo moral.

A necessidade humana, para Jesus, representa um imperativo moral. Onde o bem precisa ser feito, não pode haver neutralidade, e deixar de fazer o bem é contribuir para o mal. Assim, não só é permitido curar no sábado, mas é *correto* curar no sábado, quer isso esteja de acordo com o que é legal ou lícito quer não. Um teste decisivo da verdadeira religião *versus* a falsa é a resposta à injustiça.²³⁰

²²⁷ FRANCE, 2002, p. 149.

²²⁸ EDWARDS, 2018, p. 140.

²²⁹ CHAMPLIN, 1995, p. 386.

²³⁰ EDWARDS, 2018, p. 138.

Sobre o interesse na função didática daquele milagre, chama a atenção a publicização dada a esta cura por estímulo do próprio Jesus, que chama o homem doente ao meio da sinagoga, visando que todos pudessem ver o que se seguiria, destoando das usuais curas em segredo, que procuravam evitar a popularização do poder para operar milagres do Messias. Aqui Jesus quer ensinar a respeito do sábado com aquela cura.²³¹

Cranfield não entende que a política de evitar a propaganda do milagre como estímulo à aquisição de novos fiéis fora revogada. Na verdade, teríamos aqui um caso especial em que ela foi sobrepujada por outro motivo imediato de grande importância.²³² A cura acontece logo depois do discurso de Jesus e tem a função de confirmá-lo.²³³ Daí a importância de ocorrer à vista de todos, para seu efeito retórico.

O ritual empregado não requereu toque ou o emprego de nenhum meio material, apenas o comando verbal de Cristo,²³⁴ permitindo que ocorresse uma cura instantânea e completa. O sujeito, que antes estava incapacitado, agora tem recuperada a capacidade funcional da mão, tão importante para o trabalho e a subsistência. Mas para além disso, o curado precisou partidizar-se: ao obedecer ao comando curativo do Messias, ele alocou-se em oposição às lideranças religiosas da época publicamente.

A comunidade pode compreender com clareza a divergência doutrinária presente em relação ao descanso semanal, tendo um milagre como testemunho formal a favor da posição cristã. Para o cristianismo houve o acirramento da perseguição, pois os fariseus e herodianos, como consequência à execução pública do milagre, decidiram organizar os planos para a morte de Jesus, pois ele não se constrangeu frente à pressão deles. “Jesus não se equivoca. Ele não decide agir ou não dependendo de sua posição nas pesquisas de opinião nem nas consequências pessoais para si mesmo.”²³⁵

²³¹ FRANCE, 2002, p. 150.

²³² CRANFIELD, 2005, p. 120.

²³³ CARSON, 2011, p. 337.

²³⁴ CRANFIELD, 2005, p. 121.

²³⁵ EDWARDS, 2018, p. 140.

4.4.3 O surdo mudo em Decápolis - Mc 7.31-37

A perícopre retrata o episódio em que pessoas trouxeram um surdo e mudo (ou surdo e gago) à presença de Jesus para que o curasse. Jesus realiza a cura, ordenou segredo a respeito do ocorrido, mas foi desobedecido. O evento ocorreu na região da Decápolis e fez crescer demasiadamente a fama do Messias, com entendimento popular de que nada lhe era impossível: toda espécie de maravilha Cristo fazia muito bem.²³⁶

A fala e a audição são um conjunto de recepção e interação responsáveis pelo estabelecimento da comunicação verbal. Sabemos que a fé vem pelo ouvir, sabemos que é preciso confessar a Cristo como Senhor e Salvador. Dentro da religião, os sistemas auditivo e fonador merecem alta estima.

As doenças capazes de provocar a surdez são várias, desde as simples otites infecciosas comuns durante a infância, até uma eventual neuropatia autoimune. Etiologias das mais diversas qualidades podem comprometer a captação de ondas sonoras ou a sua interpretação neurológica. As alterações na fala podem ser secundárias à própria surdez, bem como podem resultar de outra causa, como um acidente vascular encefálico, transtornos psiquiátricos ou deformações anatômicas.

O que interessa é que o personagem levado à presença de Jesus padecia de alguma condição médica, incurável até hoje em dia, que lhe impedia a audição e a fala. Mesmo de não fosse absolutamente mudo, sua condição o tornava incapaz de uma comunicação adequada.²³⁷

A escolha do doente ocorreu pela demanda, mas de terceiros interessados. O surdo mudo foi trazido por outras pessoas que acreditavam ser possível encontrar a solução para aquele homem em Jesus. Há a fé dos amigos que levaram o doente à presença de Jesus, mas não é possível dizer se há a fé do curado. O texto silencia a esse respeito.

O ritual de cura é bem detalhado por Marcos, que informa ter ocorrido o toque nos ouvidos, o toque na língua com a saliva, o olhar ao céu, um suspiro e o comando verbal.

²³⁶ BÍBLIA de Referência Thompson, 2010, p. 912.

²³⁷ CHAMPLIN, 1995, p. 722.

A função do toque e a atribuição cultural curativa da saliva já foram citadas, assim como o comando verbal. Mas o olhar para o céu e o suspiro são exclusividades dessa passagem. Champlin atribui o olhar para o céu à atitude de oração e o suspiro, à expressão de amor e simpatia do Messias para com o sofredor.²³⁸

Edwards vai além, interpretando que “a unção de Jesus com saliva pode ser considerada uma antecipação provisória e elementar de seu próprio sangue que também será posto na língua de homens e mulheres pecadores.”²³⁹ Porém não são esses elementos ritualísticos que são as causas da cura, mas sim o comando de Jesus.

Esse episódio repete o cuidado com o sigilo em relação à publicidade do milagre. Jesus retira o deficiente do meio da multidão e ordena silêncio sobre a cura. Com essa atitude, percebemos o esforço para que não haja muitas testemunhas, além do esforço para que o fato não se dissemine para terceiros.

O empenho em evitar a publicidade, visando afastar uma busca por milagres, relegando a segundo plano a mensagem da revelação do Reino de Deus e a necessidade de novo nascimento é consistentemente reforçada em vários episódios miraculosos.

Nesta passagem, entretanto, a multidão é de gentios. Há uma corrente que acredita que a solicitação por sigilo se refere a um segredo messiânico, para que os judeus à espera de um determinado modelo materialista de messias esperado, criassem uma pressão popular e política a atrapalhar o projeto de Jesus.²⁴⁰

Os gentios não detinham as mesmas expectativas. Portanto, o sigilo extensivo a eles adéqua-se à indesejada busca por milagres, num utilitarismo privado do poder de Deus derramado por meio do Messias. Nesse aspecto Edwards conclui:

A ordem para silenciar tanto para os judeus quanto para os gentios é um lembrete de que o conhecimento de Jesus só por seus milagres é um conhecimento inadequado. O conhecimento adequado de Jesus — e daí a proclamação sobre ele — tem de esperar a revelação do mistério derradeiro que só pode vir por intermédio do sofrimento e da cruz.²⁴¹

²³⁸ CHAMPLIN, 1995, p. 723.

²³⁹ EDWARDS, 2018, p. 287.

²⁴⁰ CHAMPLIN, 1995, p. 723.

²⁴¹ EDWARDS, 2018, p. 288.

Aquele que antes permanecia alheio à mensagem falada, agora pode ouvir; aquele que antes restava silente pela sua incapacidade na fala, agora pode expressar-se. A cura liberta o homem da prisão imposta pelas deficiências. O sujeito recuperou sua funcionalidade completa, falando até o que devia manter em silêncio.

Para a comunidade em que o curado estava inserido, temos a reintegração de um membro, antes inepto e que carecia de cuidados, um fardo social, para se converter em parte ativa a contribuir com seu papel social. A comunidade da época também passou a maravilhar-se frente ao poder de Jesus Cristo, que sobrepujava qualquer mal, qualquer doença. A cura atestava a capacidade sobrenatural do Messias.

Para o Cristianismo, a quantidade de seguidores aumentava expressivamente, não só entre os judeus, mas também nas populações circunvizinhas.

4.4.4 O hidrópico - Lc 14.1-6

A passagem de Lucas relata o episódio em que Jesus, participando de uma refeição na casa de um líder fariseu em um sábado, encontrou um homem hidrópico. Aproveitando-se da oportunidade, o Messias arguiu sobre a licitude de curar no sábado, ao que não encontrou nenhuma resposta. Jesus curou então o hidrópico, o liberou e argumentou contra a interpretação legalista dos religiosos de sua época.²⁴²

A hidropisia é uma condição clínica em que o afetado apresenta represamento líquido por alguma disfunção patológica da distribuição dos fluidos pelo organismo.

O sistema circulatório é o responsável pelo fluxo de sangue por todo o nosso corpo. Dotado de uma bomba (o coração) e de canais de trânsito (os vasos sanguíneos), o sangue pode levar alimento, oxigênio, sais minerais, medicamentos, células de defesa, anticorpos e o que mais for necessário distribuir para os tecidos de todo o corpo.

O líquido transportado dentro dos vasos deve permanecer dentro dos vasos, sendo que a porção que fisiologicamente extravasa, deve ser coletada e reposta ao sistema circulatório pelo sistema linfático.

²⁴² BÍBLIA de Referência Thompson, 2010, p. 945.

Para que se mantenha o equilíbrio e manutenção do sangue dentro dos vasos, é necessário um delicado equilíbrio entre a pressão hidrostática e oncótica do sangue, esta determinada majoritariamente pela quantidade de proteínas no sangue e aquela pela pressão mecânica exercida na parede dos vasos pela bomba cardíaca.²⁴³

Doenças que aumentem a pressão na parede das veias e vênulas, como a insuficiência cardíaca, vão provocar o extravasamento de líquido para cavidades e para os demais tecidos, resultando em edema, ascite, hidrocele, todos elementos definidores da hidropisia.

Doenças que provoquem a redução na quantidade circulante de proteínas séricas vão fazer com que os vasos percam a capacidade de manter o líquido sanguíneo dentro de si, redundando em ascite, edema e hidrocele da mesma forma. É o caso da desnutrição, insuficiência hepática ou renal, causadores também da hidropisia.²⁴⁴

O hidrópico curado por Jesus padecia de alguma destas possíveis doenças, que são estigmatizadoras e altamente incapacitantes, via de regra, associada à dispneia e com altos índices de evolução fatal. São doenças que hoje tem algum tratamento, mas dificilmente cura, mas que na época de Jesus estavam além dos limites da medicina. Aqui temos a iniciativa da cura partindo exclusivamente de Cristo, não do doente ou de terceiros. O hidrópico estava diante de Jesus em um evento social. Nada lemos sobre sua busca por ajuda. Cristo decide ensinar aos presentes algo com a cura.

A motivação para a realização da cura é a compaixão que não permite que um pai que vê um filho caído em um poço permaneça sem agir para socorrê-lo, em associação com a função educativa daquele milagre naquela situação sabática. A fé do curado não parece ter papel algum no texto. Sequer sabemos se havia alguma ou de eventuais terceiros intercessores, que não são apresentados.

O ritual empregado na realização da cura divina não é detalhado. Não é possível dizer se houve algum toque, imposição de mãos ou apenas o comando verbal.

²⁴³ HALL, 2011, p. 189-200.

²⁴⁴ FRANCE, 2013, n.p.

A cura aparenta ser completa e instantânea, sem menção a necessidade de outras etapas, posto que o doente é liberado logo em seguida, num paralelismo entre curar e liberar muito presente na escrita de Lucas segundo Green.²⁴⁵

Para o hidrópico curado, retornaram suas noites de sono sem dispneia, sua capacidade locomotora e de esforços físicos, terá recobrada a saúde e a dignidade ferida em uma sociedade que vinculava sempre a doença ao pecado.

A comunidade local foi presenteada com a reabilitação de um de seus membros e a oportunidade de ver o legalismo sem respostas, frente a nova interpretação cravada no amor, que não permite deixar para amanhã a caridade ao que padece hoje. O Cristianismo estabelece a fé voltada para o próximo antes de estar voltada à introspecção da reflexão teológica.

²⁴⁵ GREEN, 1998, n.p.

5 CONCLUSÃO

O enfrentamento da caminhada filosófica trilhada pela humanidade até hoje e levantada por este trabalho torna possível dizer que não há impossibilidade teológica ou filosófico-científica absoluta à possibilidade dos milagres.

Ao fazer-se separação entre Deus e a natureza, fazendo distinção entre causa primeira e causas segundas e compreendendo o milagre como a superação incidental soberanamente decidida pelo Criador, retira-se qualquer incongruência teológica às ocorrências milagrosas.

Estando claro que não há fundamento racional para as leis da natureza a determinar sua manutenção, mas apenas uma ciência positivista de base indutiva que não produz certezas positivas ou negativas, apenas elabora expectativas, e não havendo impossibilidade racional dedutiva em oposição, não há qualquer fundamento para a refutação absoluta e determinação de incongruência racional às ocorrências milagrosas.

Estabelecida a possibilidade racional do milagre, o Método Histórico Gramatical e outros métodos não críticos habilitam-se como métodos compatíveis com a inteligência humana.

A religião propõe a existência de algo que transcenda a natureza e o evento miraculoso é a ponte entre essa existência supranatural e o nosso mundo, é o seu testemunho de validação. Jesus e o Cristianismo lançaram mão do milagre e, a despeito da discussão sobre a continuidade do dom de curar contemporaneamente, a cura divina pode ocorrer ainda hoje.

A fundamentação do sacrifício expiatório alcançando as doenças parece ser menos acertado do que a disponibilidade graciosa das curas como qualquer um dos demais milagres.

Analisando os milagres de cura de Jesus, a fim de referenciar os eventuais relatos de curas hoje em dia, podemos perceber alguns padrões. A compaixão sempre mobiliza o coração do Messias para realização das curas.

Todos os treze episódios estudados apresentam a cura de doenças incuráveis para a medicina da época, em algumas vezes em tal estado de gravidade que apresentavam risco iminente de vida.

Todos os treze episódios estudados apresentaram curas completas, depois da obra graciosa de Jesus não restaram sequelas. Mesmo cientes de que a cura é uma pequena amostra perecível da perfeição do porvir, no momento da cura os doentes foram perfeitamente sarados.

Apenas um dos treze episódios apresentou uma cura que não foi instantânea e completa, mas gradual, a cura do cego de Betsaida. Entretanto a exceção se deu com uma clara motivação educativa percebível pelo momento em que o evento acontece, pois Jesus estava apontando para a caminhada de iluminação espiritual dos seus discípulos.

A maioria das curas foi imediata, apenas a cura dos dez leprosos não permite dizer se foi instantânea e a cura do cego de nascença foi postergada até que ele se lavasse no Tanque de Siloé. A exceção, porém, novamente tem provável motivação teológica pelo significado do nome do tanque.

Sobre quem apresenta a iniciativa na cura, temos cinco episódios em que o próprio doente procura socorro em Jesus, quatro episódios em que parte de terceiros a busca em Jesus de socorro para o doente, e quatro episódios em que a disposição em curar parte exclusivamente e soberanamente de Jesus. Não há, portanto, uma determinação bíblica a respeito da parte de quem deve surgir a iniciativa pela cura.

O ritual empregado nas curas não foi regular. Por três vezes Jesus usou saliva, por sete vezes usou o toque, por duas vezes realizou o milagre à distância, por uma vez utilizou o barro, mas todas às vezes houve a palavra de cura.

Em nenhum episódio foram utilizados objetos mágicos como óleo, copos de água, feijões, lenços suados, sudários ou qualquer outro item abençoado que pudesse transmitir poderes curativos. Há um episódio excepcional em que a mulher hemorrágica toca as vestes de Jesus e é curada, mas Jesus deixa claro que foi uma resposta da graça soberana de Deus à sua fé.

Nem a fé, nem o arrependimento foram obrigatórios para o recebimento da cura. O parálítico de Betesda nem reconheceu Jesus e ainda o acusou às autoridades

quando pressionado. Nove leprosos não retornaram para agradecer, outros foram trazidos por terceiros que provavelmente tinham fé.

Por diversas vezes Jesus exige silêncio a respeito das curas. Ao paraplético de Betesda sequer se apresenta, tomando medidas de combate à publicidade das curas, com vistas a evitar a entrada de seguidores interessados apenas em milagres. O núcleo da mensagem de Cristo é o ensino dos novos paradigmas do seu reino, as curas são acessórios, não são e nem devem ser o principal. Não há convite para “tomar posse do seu milagre”, há um convite a abandonar tudo e segui-lo e a promessa de que tudo o que precisarmos nos será suprido.

Os curados sempre eram marginalizados e incapacitados e a cura transforma a realidade dos mesmos. São reabilitados funcionalmente para uma vida plena, para o trabalho, para a socialização e para a adoração cultural. A cura tem sempre um efeito restaurativo.

As consequências para a comunidade da época e para o Cristianismo foi a honra do nome de Deus, a atestação da verdade na alegação messiânica de Jesus, a função letiva de combate à xenofobia, à exclusão cerimonial e à frieza do legalismo puro. As curas também provocaram a perseguição e, em última análise, a morte de Jesus.

Em suma, milagres de cura não são irracionais, podem acontecer hoje em dia, socorrem os “insocorríveis”, são movidos pelo amor, completos, não se dão por meio de objetos místicos e nunca são elementos de marketing espiritual.

REFERÊNCIAS

- ANGIONI, Lucas. **Aristóteles, Metafísica Livros IV e VI**. Campinas: Unicamp, 2007.
- AQUINO, Tomás de. **Suma Teológica: a criação - o anjo - o homem**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- BAVINCK, Herman. **Dogmática Reformada: Espírito Santo, Igreja e nova criação**. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.
- BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Cultura Cristã, 2000.
- BLOMBERG, Craig L. **Mathew**. Nashville: Broadman Press, 1992.
- BONACCINI, Juan A. Kant e o estatuto dos milagres. **Analytica**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, 2011. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/analytica/article/view/626/582>>. Acesso em: 04 abr. 2021.
- BRUCE, Frederick F. **Comentário Bíblico NVI: Antigo e Novo Testamento**. São Paulo: Vida, 2009.
- BRUNELLI, Walter. **Teologia para pentecostais: uma teologia sistemática expandida - volume 2**. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2016.
- CALVINO, João. **A Instituição da Religião Cristã: tomo I**. São Paulo: Unesp, 2007.
- CALVINO, João. **A Instituição da Religião Cristã: tomo II**. São Paulo: Unesp, 2007.
- CARSON, Donald A. **O Comentário de João**. São Paulo: Shedd Publicações, 2007.
- CARSON, Donald A. **O Comentário de Mateus**. São Paulo: Shedd Publicações, 2011.
- CARVALHO, Mário S. Presenças do Platonismo em Agostinho de Hipona (354-430). **Revista Filosófica de Coimbra**, [s. l.], v. 9, n. 18, out. 2000. Disponível em: <https://www.uc.pt/fluc/dfci/public_/publicacoes/presencas_do_platonismo>. Acesso em: 04 abr. 2021.
- CASTRO NETO, Izaías R. **Estudo acerca da distinção entre verdades necessárias e verdades contingentes em Leibniz**. 2008. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008. Disponível em: <<https://hdl.handle.net/1884/16738>>. Acesso em: 04 abr. 2021.
- CHAMPLIN, Russell N. **O Novo Testamento Interpretado: versículo por versículo - Lucas João**. São Paulo: Candeia, 1995.
- CHAMPLIN, Russell N. **O Novo Testamento Interpretado: versículo por versículo - Artigos Introdutórios Mateus Marcos**. São Paulo: Candeia, 1995.

CHAVES FILHO, Manoel M. F.; CHAVES, Suzana M. L. F. A ciência positivista: o mundo ordenado. **Iniciação Científica Cesumar**, Maringá, v. 2, n. 2, jul. 2007. Disponível em: <<https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/iccesumar/article/view/28/274>>. Acesso em: 04 abr. 2021.

COELHO, Lázara D. **Os Caminhos do Método Histórico-Gramatical**: uma perspectiva descritiva. 2014. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2013. Disponível em: <<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/873>>. Acesso em: 04 abr. 2021. p. 38.

CORTEZ, Renan. Para além do realismo e do idealismo. **Cadernos Nietzsche**, São Paulo, v. 41, n. 2, ago. 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/cniet/v41n2/2316-8242-cniet-41-02-211.pdf>>. Acesso em: 04 abr. 2021.

COSTANZA, José R. S. AS RAÍZES HISTÓRICAS DO LIBERALISMO TEOLÓGICO. **Fides Reformata**, São Paulo, v. 10, n. 1, 2005. Disponível em: <<https://cpaj.mackenzie.br/wp-content/uploads/2018/11/4-As-raizes-historicas-do-liberalismo-teologico-José-Roberto-da-Silva-Costanza.pdf>>. Acesso em: 04 abr. 2021.

CRANFIELD, Charles E. B. **The Gospel According to Saint Mark**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

CUNHA, Marcus V.; COSTA-LOPES, Viviane. O ceticismo pirrônico no discurso de John Dewey. **Educação e Cultura Contemporânea**, [S.L.], v. 16, n. 42, p. 2019. Disponível em: <<http://periodicos.estacio.br/index.php/reeduc/article/view/2743/47965968>>. Acesso em: 04 abr. 2021.

DAVIDSON, Francis. **O Novo Comentário da Bíblia**. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. E-book. n.p.

DEODORO, Juliana. Jesus salva e parcela no cartão: quando a cura é um bom negócio. **Globo.com**, 2016. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2016/11/jesus-salva-e-parcela-no-cartao-quando-cura-e-um-bom-negocio.html>>. Acesso em: 12 maio 2021.

DIAS, Elizabeth de Assis. Progresso Científico e Verdade em Popper. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 38, n. 2, ago. 2015. Disponível em: <<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/5238/3689>>. Acesso em: 04 abr. 2021.

DUMSDAY, Travis. Thought Experiments as a Toll for Undermining Methodological Naturalism. **Religions**. Edmonton, feb. 2019. Disponível em: <<https://www.mdpi.com/2077-1444/10/2/127/htm>>. Acesso em: 04 abr. 2021.

ECHEVERRÍA, Rafael. **El Búho de Minerva**: introducción a la filosofía moderna. 4. ed. Santiago: Comunicaciones Noreste Ltda, 2004.

EDWARDS, James R. **O Comentário de Marcos**. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.

EMPIRICO, Sexto. Hipotiposes Pirrônicas Livro I. **O que nos faz pensar**, [S.l.], v. 9, n. 12, jun. 1997. Disponível em: <<http://www.oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/index.php/oqnf/article/view/130>>. Acesso em: 05 abr. 2021.

ERICKSON, Millard J. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2015.

ESPINOZA, Baruch. **Tratado Teológico-Político**. 3. ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004.

FERNANDES, Fábio J. A verdade como problema filosófico em Descartes. **Multi-Science Journal**, Urutaí, v. 1, n. 1, mar. 2018. Disponível em: <<https://www.ifgoiano.edu.br/periodicos/index.php/multiscience/article/view/51/73>>. Acesso em: 04 abr. 2021.

FOCACCIA, Roberto; VERONESI, Ricardo. **Tratado de Infectologia**. 5. ed. São Paulo: Atheneu, 2015.

FORLIN JUNIOR, Enéias. Idealismo formal x idealismo material: a refutação kantiana do idealismo cartesiano. **Discurso**, [S. l.], n. 38, 2008. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/62547>>. Acesso em: 5 abr. 2021.

FRANCE, Richard T. **The gospel of Mark: a commentary on the greek text**. Cambridge: William Eerdmans Publishing Company, 2002.

FRANCE, Richard T. **The Gospel of Mathew**. Cambridge: William Eerdmans Publishing Company, 2007. E-book. n.p.

FUNERÁRIAS processam pastor acusado de simular ressurreição. **BBC**, 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-47380338>>. Acesso em: 12 maio 2021.

GARBERS, Jörg. O Método Histórico-Crítico: uma interpelação crítica à objetividade do exegeta e aos passos metodológicos do método histórico-crítico. **Vox Scripturae**, São Bento do Sul, v. 14, n. 2, out. 2006. Disponível em: <<http://www.voxscripturae.com.br/edicao/20/volume-xiv-numero-2-outubro-2006>>. Acesso em: 04 abr. 2021.

GENTILE, Rogério. Universal é condenada a indenizar homem que diz ter atuado em falsa cura. **Uol**, 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/rogerio-gentile/2021/05/11/universal-e-condenada-a-indenizar-homem-que-diz-participado-de-falsa-cura.htm>. Acesso em: 12 maio 2021.

GREEN, Joel B. **The Gospel of Luke**. Cambridge: William Eerdmans Publishing Company, 1998. E-book. n.p.

GRUDEM, Wayne A. **Teologia Sistemática: atual e exhaustiva**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2012.

HALL, John E.; GUYTON, Arthur C. **Guyton e Hall Tratado de Fisiologia Médica**. 12. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

HEES, Luciane W. B. *et al.* Afinal, o que é Verdade? **Complexitas – Revista de Filosofia Temática**, Belém, v. 3, n. 2, ago. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/complexitas/article/view/6585>>. Acesso em: 04 abr. 2021.

HOFFMAN, Barbara L. *et al.* **Ginecologia de Williams**. 2. ed. Porto Alegre: AMGH, 2014.

HORTON, Stanley M. **Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2018. p. 277. Disponível em: <<http://www.gospelfree.com.br/downloads/teologia-sistemática/Teologia%20Sistemática%20-%20Stanley%20Horton.pdf>>. Acesso em: 04 abr. 2021.

HUME, David. **Investigações sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral**. São Paulo: Unesp, 2004.

IGREJA que promete 'imunização' contra coronavírus pode ser enquadrada por charlatanismo, diz MP. **BBC**, 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51708763>>. Acesso em: 12 maio 2021.

IHEJIRIKA, Cardinal. A Reconnaissance of the Philosophical Problem of Knowledge from Protagoras to Kant. **International Journal of Social Sciences & Educational Studies**, [S.L.], v. 7, n. 2, jun. 2020. Disponível em: <<https://ijsses.tiu.edu.iq/index.php/volume-7-issue-2-article-3/>>. Acesso em: 04 abr. 2021.

KANT, Immanuel. **A religião nos limites da simples razão**. 2. ed. Lisboa: Edições 70, 1992.

KEENER, Craig S. **A Commentary on the Gospel of Mathew**. Cambridge: William Eerdmans Publishing Company, 1999. E-book. n.p.

LACKINGTON, Benjamín A. F. Mística y filosofía en Avicena. **Anales del Seminario de História de La Filosofía**, Madrid, v. 36, n. 2, 2019. Disponível em: <<https://revistas.ucm.es/index.php/ASHF/article/view/57329/4564456551365>>. Acesso em: 04 abr. 2021.

LANE, William L. **The Gospel of Mark**. Cambridge: William Eerdmans Publishing Company, 1974. E-book. n.p.

LEWIS, Clive S. **Milagres**. [S. L.]: Elivros, 1947. Disponível em: <<https://elivros.love/ler-online/baixar-milagres-c-s-lewis-epub-pdf-mobi-ou-ler-online>>. Acesso em: 04 abr. 2021.

LOPES, Augustus N. O Dilema do Método Histórico-Crítico na Interpretação Bíblica. **Fides Reformata**, São Paulo, v. 10, n. 1, 2005. Disponível em: <<https://cpaj.mackenzie.br/wp-content/uploads/2018/11/6-O-dilema-do-método>>

histórico-crítico-na-interpretação-bíblica-Augustus-Nicodemus-Lopes.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2021.

MAGNAGHI, Ceno P.; ASSIS, ANDRE K. T. **O método de Arquimedes**: análise e tradução comentada. Montreal: Apeiron, 2019.

MARASCHIN, Jaci. A Teologia dos Filósofos Gregos e a Teologia Cristã. **Correlatio**, [S.L.], v. 3, n. 5, jun. 2004. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/view/1779/1764>>. Acesso em: 04 abr. 2021.

MARIANO DA ROSA, Luiz C. Bacon e a indução por subtração como novo método indutivo na fundação do empirismo moderno. **Revista Filosofia Capital**, Brasília, v. 15, n. 22, 2020. Disponível em: <<https://www.filosofiacapital.org/ojs-2.1.1/index.php/filosofiacapital/article/download/425/362>>. Acesso em: 04 abr. 2021.

MARIANO, Ricardo. Crescimento Pentecostal no Brasil: fatores internos. **Rever**, São Paulo, v. 4, n. 8, dez. 2008. Trimestral. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/t_mariano.pdf. Acesso em: 01 maio 2021.

MARQUES, José C. L. As verdades da razão e as verdades da fé em Tomás de Aquino. **Pensando - Revista de Filosofia**, Teresina, v. 9, n. 18, 2018. Disponível em: <<https://www.ojs.ufpi.br/index.php/pensando/article/view/5845/5067>>. Acesso em: 04 abr. 2021.

MARTINS, Antônio Carlos Borges. Sobre a Origem da Religião. **Revista Eletrônica Fundação Educacional São José**, Santos Dumont, v. 1, n. 2, não paginado, mar. 2016. Semestral. Disponível em: <https://www.fsd.edu.br/wp-content/uploads/2019/12/artigo18.pdf>. Acesso em: 10 maio 2021.

MATOS, José Carlos M. A questão da razão como critério distintivo entre homem e animal. **Filosofia Unisinos**, São Leopoldo, v. 1, n. 12, 2011. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/filosofia/article/view/1003/228>>. Acesso em: 08 abr. 2021.

MCGRATH, Allister E. **Teologia sistemática, histórica e filosófica**: uma introdução à teologia cristã. São Paulo: Shedd Publicações, 2010.

MORA, José A. F. Hume, Popper y el problema epistemológico de la inducción. **Logos**, Bogotá, n. 21, 2012. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/322447445_Hume_Popper_y_el_problema_epistemologico_de_la_induccion_Hume_PoPPER_and_the_epistemological_Problem_of_induction>. Acesso em: 04 abr. 2021.

MORRIS, Leon. **The Gospel According to John**. Cambridge: William Eerdmans Publishing Company, 1995. E-book. n.p.

NIELSEN, Mark *et al.* *Homo neanderthalensis* and the evolutionary origins of ritual in *Homo sapiens*. **Philosophical Transactions Of The Royal Society B Biological Sciences**. London, jun. 2020. Disponível em: <<https://royalsocietypublishing.org/doi/10.1098/rstb.2019.0424>>. Acesso em: 04 abr. 2021.

NUNES, Jordão H. Comentários sobre Diderot e o espinosismo. **Philosophos - Revista de Filosofia**, Goiânia, v. 3, n. 1, ago. 2010. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/philosophos/article/view/10991/7264>>. Acesso em: 04 abr. 2021.

OLIVEIRA, Anselmo C.; BATISTA, João B. Cosmologia em Tales de Mileto. In: IX Semana de Filosofia, 2006, São João Del-Rei. **Atas da IX Semana de Filosofia**. São João Del-Rei: Universidade Federal de São João Del-Rei, 2006.

PASTOR usa aparelho de mágica para fingir milagres. **G1**, 2007. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/PlanetaBizarro/0,,MUL84261-6091,00-PASTOR+USA+APARELHO+DE+MAGICA+PARA+FINGIR+MILAGRES.html>>. Acesso em: 12 maio 2021.

PEREIRA, Matheus de Brito. O conceito de milagre em Tomás de Aquino. In: Encontro de pesquisa em História: revoluções e movimentos sociais, 5, 2017, Bauru. **Anais do 5 Encontro de pesquisa em História**. Bauru: Universidade São Camilo, 2017. Disponível em: https://unisagrado.edu.br/custom/2008/uploads/anais/historia_2017/trabalhos/o-conceito-de-milagre-em-tomas-de-aquino.pdf. Acesso em: 04 abr. 2021.

PIVA, Paulo J. L. O acerto de contas de Diderot com o Ceticismo. **Trans/Form/Ação: Revista de Filosofia**, São Paulo, v. 31, n. 2, jul. 2011. Disponível em: <<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/983/886>>. Acesso em: 04 abr. 2021.

RIDDERBOS, Herman N. **The Gospel According to John**: a theological commentary. Cambridge: William Eerdmans Publishing Company, 1997. E-book. n.p.

STEIN, Robert H. **Luke**. Nashville: Broadman Press, 1992.

ZEFERINO, Jefferson. Deus para além da religião: um ensaio teológico a partir de Karl Barth. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST, 3, 2016, São Leopoldo. **Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST**. São Leopoldo: Est, 2016. v. 3. Disponível em: <<http://anais.est.edu.br/index.php/congresso/article/view/759/472>>. Acesso em: 04 abr. 2021.